

Correio das **Artes**

ANO
LXXV

Nº
3

ISSN 1984-7335



Maio
R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Antonio **DIAS**

Suplemento
literário
do Jornal A União
2024

Vida e obra de um dos maiores artistas
visuais do estado, que levou o nome da
Paraíba além das fronteiras do Brasil

Eliminatórias 31/05 e 01/06 – Sumé
Grande final 09/06 – João Pessoa

7º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA

HOMENAGEADOS
Cátia de França
Zé Marcolino

1ª ELIMINATÓRIA - 31/05

Show com
Luciene Melo

2ª ELIMINATÓRIA - 01/06

Show com
Ton Oliveira

FINAL - 09/06

Show com
Cátia de França

Apoio



Parceria



Realização



GOVERNO
DA PARAÍBA

Uma genialidade divina

O adjetivo “genial” era para ser usado apenas em pouquíssimas ocasiões, principalmente quando ele é frequentemente desgastado a esmo, sem propósito e sem justificativa persuasiva e que valha realmente. Poucos são os artistas que conseguem transitar por estilos, conceitos, materiais e técnicas – entre o *pop* e o conceitual –, a ponto de sair do seio da sua terra natal, ir para um país que mal sabe a sua língua e, ainda por cima, por conta da vivência do seu ofício, ser considerado uma “presença de Deus” pelos locais.

Natural de Campina Grande, o paraibano Antonio Dias (1944-2018) faria 80 anos em 2024, caso estivesse vivo. Foi um homem “com a desenvoltura de um mestre, mas com a ânsia de saber de um aprendiz”, como bem diz a matéria assinada por Alexandra Tavares nesta edição. Dias foi um dos precursores da Nova Figuração Brasileira, transitou inquieto pelo desenho, pintura e escultura. Em suma, aperfeiçoou e reinventou sua arte,

Antonio Dias aperfeiçoou e reinventou sua arte, colocando o dedo nas feridas abertas da ditadura civil-militar brasileira na tridimensionalidade das suas obras, bem como enxergar como o verdadeiro protagonista um mero insumo que seria a celulose, lá longe, em terras asiáticas.

colocando o dedo nas feridas abertas da ditadura civil-militar brasileira na tridimensionalidade das suas obras, bem como enxergar como o verdadeiro protagonista um mero insumo que seria a celulose, lá longe, em terras asiáticas.

Por isso e muitos outros motivos, parece até pouco usar a palavra “genialidade” ao lado de Antonio Dias.

Nesta edição, além de ricas análises literárias, inspirados versos e contos que poderiam muito bem figurarem nas melhores coletâneas do país, outro “conterrâneo” de Dias merece destaque: mesmo nascido no estado vizinho de Pernambuco, foi na Rainha da Borborema que Hilton Motta fez da sua profissão o desbravamento histórico, quando fundou a Campina Grande FM, a primeira do estado nessa frequência. No ano do seu centenário de nascimento, vamos conhecer um pouco mais sobre a figura do grande radialista.

Uma excelente leitura.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Paulo Sergio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tônio
Ilustrações

Luiza Fonseca
Ilustrações das páginas 32 e 33

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

Índice

20 / análise

São três obras literárias – entre versos, raios, musicalidade poética e perfis – que Amador Ribeiro Neto se permitiu ser possuído pela “beleza que fugiu” de cada uma delas.

24 / música

Escritor e professor Francelino Soares justifica porque o compositor e poeta paraibano Zé do Norte é, atualmente, reconhecido como um verdadeiro Patrimônio Nacional.

28 / artigo

Entre as tragédias do cotidiano, escritor e jornalista Tiago Germano mostra como a ironia se tornou o código dominante no mundo virtual das redes sociais.

36 / livro

Professora Analice Pereira destrincha Leonardo Padura, uma das principais vozes literárias de Cuba dos dias atuais, por meio do seu mais recente romance, ‘Pessoas Decentes’.

37 / tributo

No ano do seu centenário de nascimento, conheça a trajetória de Hilton Motta, o radialista que marcou época e fez história em Campina Grande.

40 / ensaio

Intrínseca relação entre o Direito e a Literatura passeiam pelo conto machadiano ‘O Caso da Vara’, na análise da escritora e advogada Ana Clara de Melo.

As múlti

Antonio

Não é raro ouvir ou ler palavras como “vanguardista” e “audacioso” nos comentários atrelados à obra do artista visual Antonio Manuel Lima Dias (1944-2018). E não basta muito esforço para compreender que tais adjetivos apenas pincelam o qual genial foi a trajetória deste paraibano, que já na década de 1960 e 70 surpreendia o mundo com seus traços fora do comum. Antonio Dias viajou por vários países aperfeiçoando e reinventando sua arte, foi um dos precursores da Nova Figuração Brasileira, transitou pelo desenho, pintura e escultura com a desenvoltura de um mestre, mas com a ânsia de saber de um aprendiz – porque Dias era, acima de tudo, um experimentador incansável.

Este ano, ele faria 80 anos de nascimento, mas, apesar de um câncer ter interrompido sua trajetória em plena potência produtiva no ano de 2018, para a comunidade artística a sua obra permanece mais viva e atual do que nunca. Além de expressar os anseios e inquietudes de uma geração, seu legado tem páginas reservadas na própria história da arte brasileira e mundial do século 20.

Para muitos especialistas, a obra do multimídia desafia as categorias artísticas tradicionais, porque a liberdade criativa adotada por Dias se manifesta em vários sentidos – é vista na mistura de técnicas, de materiais e de conceitos. Esse conjunto de elementos resultava numa produção dinâmica, desafiadora e diversificada. No ano da morte do paraibano, o crítico e curador, Paulo Sérgio Duarte, registrou no site *O Globo*: “Desde muito cedo sua obra contribuiu para uma compreensão diferente da Nova Figuração pela corajosa aliança entre tema e forma: uma violência simbólica inédita surgiu desde 1964”, comentou Paulo Sérgio, reforçando na época que perdia um grande amigo.

plac facetas de **Dias**

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Com toda a liberdade
da mistura de
técnicas, materiais
e conceitos, a obra
do artista desafa
o tradicional e leva
o nome da Paraíba
além das fronteiras
brasileiras

FOTO: J.F. DIORIO/ESTADÃO CONTEÚDO



Em entrevista ao **Correio das Artes**, Duarte explicou o que significa essa “violência simbólica”. “A obra de Antonio, desde seu início, se diferencia muito de outros grandes artistas da Nova Figuração, como Gerchman, Roberto Magalhães ou Claudio Tozzi. A obra de Antonio é simultaneamente pictórica e escultórica. É uma pintura que, partindo do plano da parede, se projeta no espaço em nossa direção. É uma anatomia audaciosa e inventada. Um corpo que se abre, apresenta sua circulação sanguínea e projeta sob a forma de grandes almofadas golfadas de sangue. É essa anatomia inventada pelo artista que se constitui numa violência simbólica”.

Paulo Sérgio, paraibano radicado no Rio de Janeiro, contou que conheceu as exposições do amigo em 1965, mas só se tornaram próximos em Milão, na Itália, no ano de 1991, quando Antonio ainda era casado com Iole de Freitas. “E Rara, sua primeira filha, era bem novinha”, completou. Vale lembrar que Antonio Dias tem outra filha, Nina Dias, fruto da união com a crítica de arte Lígia Canongia.

Segundo Paulo Sérgio, a obra do paraibano multifacetado pode ser dividida em quatro fases distintas. A primeira se refere ao período da Nova Figuração, que vai de 1964 a 1967; a segunda, iniciada em 1968, é marcada por uma frase-título incorporada ao corpo da tela, quando raramente aparece na obra uma cor além do preto e o branco. Em 1971, Duarte frisou que inicia-se o



FOTO: AGERVO PESSOAL

Dias (E) ao lado do amigo Paulo Sérgio (D), em 2016: a fase do Nepal que se estende até a sua morte “ainda será reconhecida internacionalmente como uma contribuição inédita à arte contemporânea”

The Illustration of Art, em que Dias traz uma intensa reflexão conceitual que nunca renuncia à materialização plástica. A quarta fase viria em 1977, com a viagem que Antonio fez ao Nepal, onde manteve uma vida em comum com os artesãos produtores de papel.

“Importante salientar que o papel do Nepal não é um mero suporte na obra de Antonio, é protagonista na elaboração do significado. Essa dá início a uma

retomada de uma pintura com intensa riqueza plástica. Acredito que essa fase que se estende até sua morte ainda será reconhecida internacionalmente como uma contribuição inédita à arte contemporânea”, reforçou Paulo Sérgio.

FOTO: ADRIANO FRANCO/DIVULGAÇÃO



FOTO: ALADIM MONTEIRO/DIVULGAÇÃO



Artista visual Rebeca Souza (acima) estudou com mais afinco o período da vida do paraibano no Nepal; obra ‘Homem Destruindo Foguete’ (ao lado), no acervo do Museu de Artes Assis Chateaubriand, em Campina Grande

Nepal

Antonio Dias residiu, trabalhou e estudou em vários países do mundo, como França, Estados Unidos e Alemanha, mas o período em que esteve em terras asiáticas foi um marco na sua carreira. A artista visual Rebeca Souza estudou com mais afinco esse período da vida do paraibano durante a dissertação de mestrado intitulada *Antonio Dias e os papéis do Nepal*, trabalho submetido ao programa associado de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), defendido em 2021.

Além de ter ciência da importância do legado artístico de Antonio Dias, o pontapé para a escolha do tema ocorreu em uma experiência que Rebeca teve em Campina Grande, coincidentemente, terra natal de Dias. Ela contou que, entre 2014 e 2017, integrou a equipe do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Maac), em Campina, e durante uma exposição coletiva em que havia quadros assinados por artistas como Pedro Américo, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Portinari, Tomie Ohtake, entre outros nomes célebres da arte mundial, ela percebeu que um pequeno quadro, diante de tudo o que estava sendo mostrado, chamava a atenção das crianças e adolescentes que visitavam o local.

Aquela obra, que se sobressaía aos olhares dos jovens contempladores, era o quadro *Homem Destruindo Foguete* (1965), de Antonio Dias. “Talvez, o que chamasse a atenção das crianças era o fato de o título dizer que o homem não estava construindo, mas destruindo o foguete, e também a técnica inovadora, que parece uma pichação, um grafite. Ao perceber que um quadro, diante de uma gama de outros, chamava tanto a atenção, e que era de um artista paraibano, contemporâneo, que nasceu em Campina Grande, isso me despertou o interesse em estudar a vida dele”, contou a artista visual.

Diante de tantas experiências contínuas afora, Antonio Dias foi ao Nepal no final da década de 1970 em busca de um papel diferente, raro, que ele havia conhecido quando esteve na França. Segundo Rebeca, a ideia era produzir, com esse material, um álbum, um livro de artistas chamado *Trama*. Então, o intuito inicial era adquirir o papel e retornar. Chegando ao destino asiático, não demorou para o artista se envolver

FOTOS: ESCRITÓRIO DE ARTE/DIVULGAÇÃO



Papel nepalês feito à mão produzido em 1977 de uma exposição na Galeria Nara Roesler, em São Paulo



'Trabalhando na fornalha' (1986), técnica mista sobre papel da mostra 'Papéis do Nepal 1977-1986' (2015), na Galeria Nara Roesler, em Ipanema (RJ)



com a produção do papel nepalês, fixando morada, e permanecendo lá por cinco meses. Durante esse período, o paraibano interagiu harmoniosamente com os artesãos por meio do gestual, da ação, porque os nativos pouco falavam inglês, enquanto Dias pouco expressava o nepalês.

Nesse trabalho coletivo, de compartilhamento de saberes, de experimentação, a arte não estava apenas no produto final – o papel –, mas manifestava-se na

No seu período no Nepal, Antonio Dias não só aprendeu a produção do papel artesanal como inovou: criou papéis em formato circular, com grandes vazados, que não era usual na região asiática

ação, na relação que existia entre os tradicionais artesãos e Dias.

“Tudo ali virou uma simbiose, em que a condução do trabalho e o gestual se tornou a linguagem que vai proporcionar a comunicação entre eles. A gente poderia pensar que aqueles nepaleses, na década de 70, em um país subdesenvolvido, não entenderiam a prática de uma arte moderna, contemporânea, como Antonio Dias propõe, mas não é isso que acontece”, disse Rebeca.

O que a artista visual chamou a atenção é que o paraibano não só aprendeu a produção do papel artesanal como inovou, criando, por exemplo, papéis em formato circular, com grandes vazados, o que não era usual no acampamento asiático onde o grupo estava instalado. E quando Dias apresentou a criação aos artesãos, eles a nomearam de *Niranjá-Niraká*, que significa “presença de Deus”. “Então, a gente tem aí uma cosmovisão dos nepaleses sobre a obra de Dias”.

Outra vivência importante ocorrida no Nepal, é que o artista campinense realizou experiências na própria composição do papel de *Lokta* (feito a partir do arbusto de *Lokta*), agregando tinturas – um aprendizado obtido por Antonio Dias quando esteve no Tibete. “Ele adicionou ao papel nepalês o chá, os minerais, trazendo maciez e cores, aglutinando também várias camadas de papel”, comentou Rebeca Souza.

Como exemplo desse experimento, ela destacou a obra *Chapati para Sete Dias*, em formato do pão chapati, representando a arte como trabalho, como sustento da própria subjetividade humana, tão importante quanto a própria comida.

A produção de *To You Walk*, uma continuidade da série *The Illustration of Art*, também deve ser lembrada nessa fase em que Antonio esteve na Ásia. Na obra, o artista trabalhou com duas folhas de papel em grandes dimensões. Na composição dessa massa foram aglutinadas várias camadas de papel. E na mistura, ainda fresca, Dias imprimiu a própria mão e a de um artesão nepalês.

A ação remete a vários significados do próprio conceito da criação da arte. “A gente observa que, nesse sentido, ele dá nome à experiência em continuidade, e podemos

pensar até nas formas de registro nas cavernas ou quando somos crianças, em que a gente costuma deixar nossa marca no tempo. E essa marca no tempo é significativa, porque diz que a obra não é individual, não é feita por um só sujeito, e traz isso para a coletividade”, declarou Rebeca.

Segundo ela, o gesto de Dias traz um elemento de ruptura, pois, ao morar durante cinco meses no acampamento nepalês, da forma como os nativos viviam, caminhando oito quilômetros diariamente para poder produzir o papel, trabalhar em conjunto e nas mesmas condições que os artesãos, Dias desfigura a ideia de que a obra é feita por um só sujeito, rompe com o pensamento do artista solitário e genial.

A vivência em terras asiáticas deixou marcas permanentes no legado do artista paraibano, pois, ao retornar para casa, os reflexos do aprendizado foram notórios nos trabalhos realizados até seus últimos anos de vida. A obra *Dança*, por exemplo, iniciada no Nepal, teve continuidade na pós-experiência asiática. “Ele trabalhou com os papéis do Nepal até quase o ano de sua morte, porque a gente vai ter muitos trabalhos com papéis nepaleses. É interessante dizer que esses trabalhos só foram entendidos como uma série, bem depois de sua elaboração, pois a primeira exposição com esse tema aconteceu em 2015, numa exposição para a Galeria Nara Roesler”.

Ao refletir sobre o legado do paraibano, Rebeca Souza acrescentou que Antonio Dias é um artista que se manteve ativo dos anos 1960 até 2018, e transpassou vários períodos do Brasil e do mundo, sendo um nome relevante na história da arte. “Temos um artista que eleva o nome da Paraíba internacionalmente. É comum se visitar museus fora do país e encontrar, nas etiquetas das obras, o nome de Antonio Dias e o lugar onde ele nasceu. Então, é um paraibano cuja potência do seu trabalho, sua disciplina criativa e poética, retorna como um farol para a Paraíba. Ele foi um artista inventivo, contemporâneo, que também se comunica com o agora”.

Arte com engajamento político e social

Por manter-se ativo artisticamente desde a década de 1960 até 2018, Antonio Dias imprimiu em sua obra reflexos do contexto político-social em que o Brasil e outros países passaram no decorrer das décadas. Essa representatividade é perceptível em suas pinturas e reafirmada pelos artistas ouvidos pelo **Correio das Artes**.

O artista visual, curador e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Dyógenes Chaves, frisou que Antonio Dias foi morar cedo no Rio de Janeiro. Eram os anos de 1960, uma época conturbada por causa da ditadura militar brasileira, mas também tempo do surgimento de novos movimentos artísticos, como a Nova Figuração, a *Pop Art* e o Neoconcretismo.

“A obra de Antonio está engajada com o que acontecia no Brasil naquele momento. Toda sua geração tem esse embate político e estético, com as influências da arte internacional, claro. Aí ele é mais *pop*. Com sua mudança para Europa, tudo muda e segue com o envolvimento dele na sua experiên-



FOTO: MARIA LUISA SANTIAGO / DIVULGAÇÃO

Segundo o crítico Walter Arcela, a maioria dos trabalhos de Dias nos anos 1960 vai se parecer como atos, narrando histórias da guerra e ditadura, o que o levou ao autoexílio na França



FOTO: AMÉLIA CÓRDULA / DIVULGAÇÃO

Para Raul Córdula, o conterrâneo propôs várias rupturas e inovações em relação à arte brasileira. “Seu legado é muito grande, tanto como inovador como ativista contemporâneo”

cia no Nepal, onde produz papel artesanal e convive com outro pensamento filosófico, dos povos originários e, sim, há uma mudança radical do pensamento de Antonio. Ele se torna mais conceitual”.

Para Dyógenes, o paraibano era a maior referência da arte visual no exterior, ou seja, a presença dele no circuito internacional sugeria que o mundo olhasse mais atentamente para a produção do então Terceiro Mundo. Portanto, Dias, ao mesmo tempo que se projetava no mundo profissionalmente, também projetava a Paraíba, o Brasil para outros países, com toda sua expressividade criativa e bandeiras expostas. “Ele era o artista brasileiro mais atuante na Europa, algo raro entre artistas brasileiros contemporâneos. Por causa de Antonio (e de artistas como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Ligia Pape, por exemplo, embora todos vivendo no Brasil), a arte brasileira ia além do Neoconcretismo – uma cisão carioca do Concretismo de São Paulo –, e flertava com a Arte Conceitual, com a Arte Povera, da Itália”, declarou Chaves.

Ao comentar a pluralidade criativa de Dias, Dyógenes destacou que o paraibano extrapolava os vieses da pintura, e partia para outros suportes e materiais de interesse incomum, dialogando com os mais variados temas da sociedade ao qual estava inserido. “Ele produziu várias instalações em grandes bienais e museus pelo mundo. Aí ele discute questões sociais, geográficas, éticas e estéticas. Ou seja, ele era uma referência da arte além do comum, muito mais próximo da arte conceitual”.

Assim como Dyógenes Chaves, o artista plástico Flávio Tavares também ressaltou o caráter cosmopolita de Dias, assim como a relação com os movimentos artísticos e o engajamento político-social visto nas suas obras. Tavares frisou que Antonio Dias conseguiu notoriedade no momento em que recebeu o grande prêmio na Bienal de Veneza, tornan-

do-se um ícone internacional contemporâneo. “E com isso, ele deu impulso aos conceitos das obras de arte e à estética de uma geração que protestou contra a ditadura militar, contra o mundo e as suas guerras. Antonio fez parte de uma geração brilhante e, até o final da sua vida, foi uma pessoa atuante”.

O pessoense José Rufino, artista visual, escritor e professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), afirmou que as obras de Antonio – pinturas, vídeos, livros de artista e instalações – realizadas nos anos de opressão da ditadura militar, “são documentos poéticos e políticos extremamente importantes para a compreensão daqueles anos terríveis”. Ele acrescentou que, apesar de Dias ter deixado o Brasil nos anos de 1960, o artista campinense se manteve sintonizado e comprometido com o que se passava no país onde nasceu.

Ao ser convidado a dar entrevista pelo **Correio das Artes** sobre o amigo Antonio Dias, Rufino comentou que, coincidentemente, estava lendo naquele dia um artigo sobre a mostra *Opinião 65*, que foi realizada no Rio de Janeiro no início da ditadura, e teve como inspiração a peça *Opinião*, que acontecia no Teatro de Arena. A montagem tinha como um dos autores outro campinense nascido para o mundo, o dramaturgo Paulo Pontes.

“Antonio, então com 21 anos, participou da mostra com a obra *Vencedor?*, um cabide com um capacete militar no topo e uma pintura-objeto no meio com um símbolo de explosão. Era seu *pop visceral* dos anos 60, inspirado na onda americana e transfigurado para discurso contra os militares”, lembrou, exemplificando uma das expressões de Dias contra o regime mandatário. “A obra de Antonio carrega potências, políticas, sensoriais e metalinguísticas”, completou José Rufino.

Outro artista da geração de Dias e que testemunhou a car-

Nos turbulentos anos 1960, nos quais atuou Dias, nasceram movimentos como a Nova Figuração, a 'Pop Art' e o Neoconcretismo

FOTO: ROBERTO GUEDES



Para o artista e crítico Dyógenes, Antonio Dias era a maior referência da arte visual no exterior, cuja presença no circuito internacional sugeria que o mundo olhasse com mais atenção para a produção do então Terceiro Mundo

FOTO: JOÃO PEDROSA



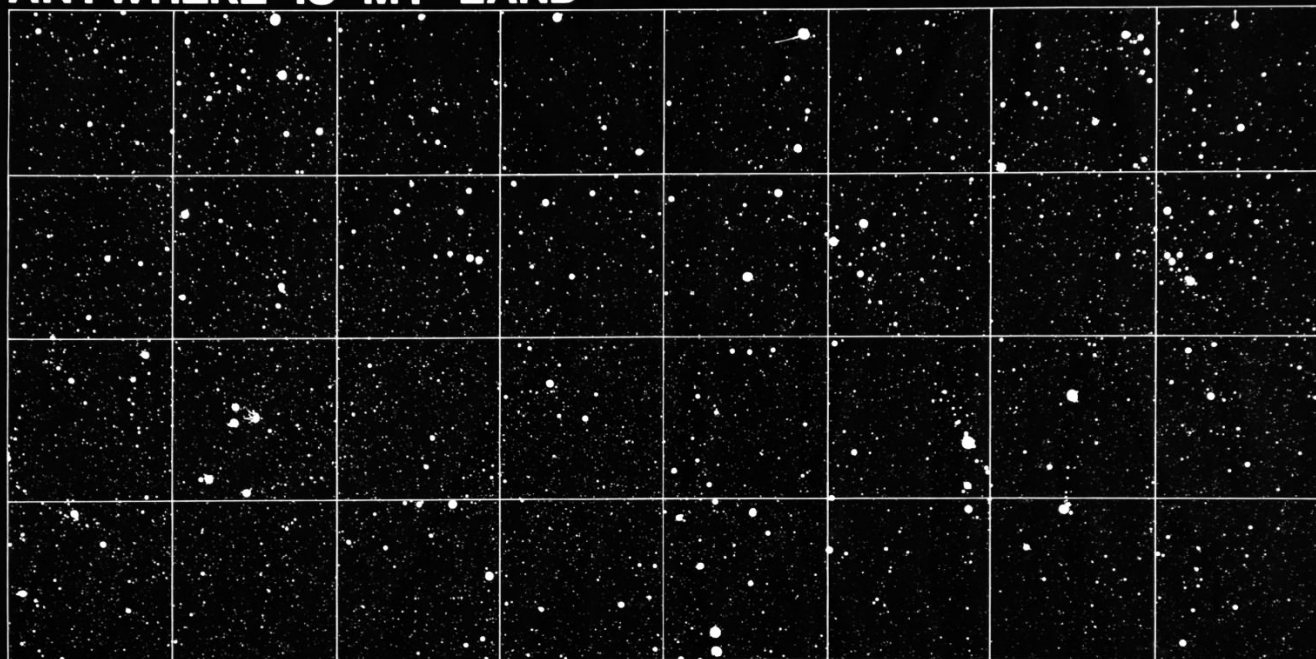
Artista visual Flávio Tavares frisou que a notoriedade internacional deu a Dias o impulso aos conceitos das obras de arte e à estética de uma geração que protestou contra a ditadura militar, contra o mundo e as suas guerras

FOTO: VALDIR LAURENTINO/DIVULGAÇÃO



Obras de Antonio Dias realizadas nos anos de opressão da ditadura militar “são documentos poéticos e políticos extremamente importantes para a compreensão daqueles anos terríveis”, segundo o artista José Rufino

ANYWHERE IS MY LAND



SCALE: 1: 1

FOTO: REPRODUÇÃO

reira do paraibano pelo mundo foi Raul Córdoba, natural de Campina Grande. Para ele, o conterrâneo propôs várias rupturas e inovações em relação à arte brasileira. “Seu legado é muito grande, tanto como inovador como ativista contemporâneo”. Segundo Raul Córdoba, as obras de Dias vão muito além da ilustração da política, mas é “política pura”. “Como deve ser qualquer arte, principalmente a que transforma o próprio movimento da arte”.

Não são apenas pintores veteranos que conhecem o comprometimento de Dias com a realidade social que o cerca. Jovens ligados à arte, não especificamente artista plástico, mas como Walter Arcela, que é crítico e curador da galeria Amparo 60, em Recife, e mestrandando em artes visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), conhecem bem o diálogo da arte de Antonio Dias com os mais diversos aspectos da sociedade, dos questionamentos políticos aos elementos eróticos.

Ao fazer uma breve viagem pela história, Arcela contou que, ao final dos anos de 1950, o campo das artes visuais no Brasil reavaliou os pressupostos da Arte Concreta e Neoconcreta, até então em voga no país. A ideia concretista de uma arte universal, autônoma, e de sentido estritamente formal

promulgada pelo Concretismo entrava em crise, na medida em que os ideais civilizatórios de mundo ruíam lentamente com as guerras imperialistas, e as ditaduras latino-americanas, entre as quais, fizeram sangrar no Brasil.

Enquanto isso, nos Estados Unidos e na Inglaterra germinava a *Pop Art*, uma estética que “se valia do cinismo com a cultura de massa e de consumo”. No Brasil, havia uma sociedade ainda pré-industrial, cujos processos de reprodução em massa aconteciam bem mais devagar, até construírem um diálogo com a *Pop Art*.

“Mas estávamos diante de outro fenômeno artístico, que foi nomeado como Nova Figuração Brasileira, na qual se via um forte retorno aos elementos representativos. Antônio Dias foi um dos embreantes dessa nova figuração, em que imagens canhestras sobre a realidade social se impuseram de maneira a desconcertar, criticar, e questionar a então ordem social da ditadura”, afirmou Walter Arcela.

Segundo ele, na década de 1960, as obras de Dias vão se parecer, muitas delas, divididas em atos. “Com quadrinhos, narrando histórias sombrias da guerra e da ditadura, o que o levou, inclusive, ao autoexílio na França. Apesar deste período circunscrito da sua produção, que ficou marcado na

Acrílico sobre tela 'Anywhere is my land' (1968): cosmopolita, Dias direcionou a sua produção para esse teor libertário, sem se restringir a um território específico

história da arte brasileira, a obra de Dias não se restringe à Nova Figuração Brasileira: o erótico, o sensual, críticas ao sistema da arte, o político, e práticas conceituais influenciadas por diversas tendências mundiais tomam corpo na sua produção a partir dos anos 1980”, salientou o crítico e curador.

Arcela destaca que “Antônio era um cosmopolita”, e direcionou sua produção a esse teor libertário, sem se restringir a um território específico. Isso fica evidente quando ele faz a obra *Anywhere is my land*, ou decide, entre as décadas de 1970 e 1980, trabalhar com uma série de papéis típicos do Nepal, país asiático de cultura milenar na produção de papiros”.

Já no final da carreira, o interesse do artista paraibano se voltou para a abstração formal, trabalhando com pigmentos metálicos, ouro, e buscou o sublime. “Como se pode ver, sua trajetória é inclassificável, tendo transitado, magistralmente, por tendências e estilos à sua própria maneira”, concluiu Walter Arcela.

O começo: um “buliçoso” que estava sempre em movimento

Natural de Campina Grande, Antonio Dias recebeu do avô paterno algumas noções de desenho, proporção e cor. Como na época aprendeu a ler por meio das histórias em quadrinhos, também começou a desenhá-las, relacionando, desde cedo, a escrita e a imagem. “Ele contava que, nos anos 50, havia um movimento de *comics* brasileiro, com heróis do Sertão, que o interessava”, completou a filha Nina Dias.

Fruto da união entre Alípio de Carvalho Dias e Edila de Albuquerque Lima, aos 14 anos Antonio foi para o Rio de Janeiro com a mãe, e logo começou a fazer capas de livros e discos, bem como a circular por escolas de arte e exposições. Nesse período, Nina contou que ele conheceu o renomado *marchand* Jean Boghici, que identificou nos trabalhos do então jovem campinense uma nova linguagem – a Nova Figuração Brasileira. “Jean Boghici o inseriu no circuito internacional, e ele ganhou o prêmio do salão de desenho de Paris, em 1965 [aos 21 anos]”, disse Nina.

Ela contou que o pai morou dois anos em Paris, na França, e em 1968 foi para Milão, ali se instalando e iniciando uma nova etapa da sua produção, saindo da fase “figurativa” para “diagramas que pudessem representar uma escala maior, mais arquitetônica, pensando em territórios abstratos, numa espécie de não imagem”.

Desde os primeiros ensinamentos das técnicas do desenho aprendidas na infância com o avô, a carreira de Antonio Dias alçou voos cada vez mais altos. Estudou gravura com Oswaldo Goeldi, no Atelier Livre de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes (Enba), no Rio de Janeiro, e trabalhou como desenhista de arquitetura e artista gráfico. O paraibano participou ativamente dos movimentos de vanguarda dos anos 60 e 70 e assinou a *Declaração*



FOTO: MARCELO MACHADO/ALÔ BAHIA

dos princípios básicos da vanguarda, cujo objetivo era a defesa da liberdade de criação e do uso de uma nova linguagem, em um momento de tensão política no Brasil. Nessa empreitada, ele juntou-se a nomes como Hélio Oiticica e Lygia Pape.

Viveu em cidades dos Estados Unidos, Nepal, França, Áustria e Alemanha, construindo e reconstruindo sua identidade como artista visual, munindo-se de diversas mídias para desenvolver sua arte: vídeo, fotografia, escultura, áudio-arte, instalação, gravura, além da pintura.

Em 1989, Antonio se transferiu para Berlim, e, em 1990, já estava morando em Colônia, ambas na Alemanha. Mas ele manteve seus apartamentos em Milão e no Rio de Janeiro. A partir daí, viveu entre essas três cidades. Apesar dos compromissos artísticos e trânsito nas pontes aéreas, Nina guarda momentos significativos de convivência com o pai. “Houve um período em que fui sua assistente, e os momentos que passávamos juntos, pintando, foram muito marcantes pela suavidade, o ensinar amoroso de suas técnicas, da leveza da mão sobre a tela”, recordou.

Nas palavras da filha Nina Dias – que chegou a ser assistente dele –, seu pai Antonio era um homem simples, ético, com uma memória impecável e muito generoso

De acordo com ela, Antonio Dias era um “homem simples, ético, com uma memória impecável e muito generoso – sempre queria ouvir dos artistas mais jovens suas ideias e, quando gostava, os inseria no sistema da arte”. A construção do seu legado foi baseada no ecletismo de linguagens, irreduzível a rótulos ou meios de produção. “Estamos trabalhando bastante para manter este legado vivo, em circulação”, comentou a filha.

Um dos artistas plásticos contemporâneos de Dias foi Flávio Tavares. Ele testemunhou parte da trajetória do paraibano. “Antonio fez parte de uma geração brilhante e até o final da sua vida foi uma pessoa atuante. Tive o prazer de expor com ele em 1992, em um festival de Berlim. Ele conhecia Maria do Carmo Vogt, uma paraibana que levou muitos brasileiros para Berlim. Muitos outros artistas parti-

cuparam desse evento, mas a estrela máxima era Antonio Dias, que tinha uma presença constante na vanguarda do mundo inteiro”.

Segundo Tavares, Dias era, acima de tudo, um “rebelde”. “Como diziam nossos pais, era buliçoso, estava sempre em movimento, a mente dele era explosiva e tinha um intelecto muito alto. Não é que ele não deixasse os outros falar, é que a gente não precisava falar na presença dele, porque tínhamos que ouvi-lo”, completou.

Homenagens

Uma das iniciativas para marcar as oito décadas que Antonio Dias faria este ano é um projeto idealizado para ser realizado em Campina Grande. “Paulo Herkenhoff e Luiz Armando Bagolin escreveram um lindo projeto para o novo museu do Niemeyer, Museu dos Três Pandeiros, em Campina Grande, ainda não confirmado para este ano”, resumiu Nina Dias.

Ela adiantou que em 2025 haverá uma exposição antológica de Antonio Dias no Philadelphia Museum, Pensilvânia, com curadoria de Carlos Basualdo e Jesús Fuenmayor.

O artista visual Dyógenes Chaves está organizando o projeto *Oitentas*, pensado para homenagear os artistas visuais com idade a partir de 80 anos. Segundo ele, a proposta prevê a realização de grandes exposições, até mesmo retrospectivas de artistas plásticos, e nesse projeto está incluída uma homenagem póstuma a Antonio Dias.

Chaves destacou que a área das artes visuais, em relação às demais, é a que mais reúne integrantes com 80 anos ou mais, sendo considerada a mais longeva. “É comum encontrar alguns artistas nessa faixa etária e atuando vigorosamente. Há pelo menos uns 10 artistas nessa situação. No entanto, não são reconhecidos pela população”, declarou Dyógenes.

Por isso, surgiu a iniciativa *Oitentas*, com exposições de longa duração para haver tempo de visitas de turmas escolares, de trabalhos educativos e mediação em arte-educação. “Antonio está também entre os homenageados, até porque nunca houve aqui [na Paraíba] uma grande mostra do seu trabalho”, frisou o curador. Até o fechamento desta edição do **Correio das Artes**, ainda não havia detalhes sobre local e data de início do evento.

Abrindo portas

Mesmo morando vários anos no exterior, Antonio Dias teve oportunidade de contribuir com a trajetória de vários artistas que almejavam despontar na carreira, seja com orientações sobre pintura ou facilitando alguns contatos profissionais. O gesto, altruísta e generoso, foi posto em prática na vida de seus contemporâneos e também nas gerações subsequentes.

O artista visual Raul Córdula demonstra bem essa peculiaridade de Dias. Ele contou que conheceu o amigo em 1965, quando foi para o Rio de Janeiro fazer uma exposição na Galeria Verseau, em Copacabana, dos galeristas Liliane Menezes e Leo Cristiano Alsina. Nessa época, ele conhecia Dias apenas de nome. “Antonio escreveu sua opinião sobre minha pintura no folheto de apresentação da exposição. Nascemos em Campina Grande, eu em 1943 e ele, um ano depois. Minha família se mudou para o Rio em 1946 e lá vivemos até 1957”, comentou Córdula.

Em 1965, Raul se casou com Heide Cabral e o casal foi viver na Cidade Maravilhosa, em busca de oportunidades, pois, segundo ele, “sua arte mais instigava do que agradava a sociedade burguesa da João Pessoa da época”.

Foi nesse período de mudança, de adaptação em um novo estado e busca por oportunidade, que ele encontrou apoio em Dias. “Antonio me deu uma grande ajuda, me apresentando ao escritor e homem de televisão Péricles Leal, paraibano, filho do jornalista José Leal e primo do meu amigo Wills Leal. Péricles era o diretor artístico da TV Tupi, que funcionava no antigo Cassino da Urca”.

Na hora da entrevista de emprego, Raul nem precisou falar muito, pois a vaga já estava certa, graças ao empurrãozinho que Antonio Dias já havia dado. “Quando eu cheguei para ver Péricles, antes de qualquer coisa ele disse logo: ‘Você sabe fazer cenário?’ Eu disse que sim, mas cenário nas semanas de teatro de João Pessoa. Ele me disse: ‘Então, você vai aprender logo’”.

Segundo Raul, Antonio já tinha explicado para Péricles a busca que ele estava empreendendo por um emprego, para poder se fixar no Rio. “Nossa



FOTO: VICENTE DE MELLO/DIVULGAÇÃO

Fabiano Gonper tem Antonio Dias como um “norte” para o seu ofício, fazendo o artista visual pessoense pensar arte, sociedade, política e a vida visceral do ser humano

relação, além de ser de amizade, foi de apoio à minha vida naquele momento de mudanças profundas. Antes de tudo, ele era um cavalheiro e um homem carregado de generosidades e elegância no trato com o outro”, rememorou, acrescentando que ficou trabalhando na Tupi por dois anos.

Assim como ele, outras pessoas, de gerações mais recentes, têm na arte e trajetória do paraibano um “norte”, a ser seguido, uma fonte de inspiração. É o caso do artista visual Fabiano Gonper, que, em 1998, manteve o primeiro contato com Antonio Dias durante uma exposição do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado em João Pessoa, mas que, segundo ele, está atualmente desativado.

“Acredito que era uma mostra comemorativa da história do NAC e o Antonio Dias estava presente, foi nessa ocasião que fomos apresentados, em 1998. Eu já tinha visto suas obras em publicações anos antes e tanto sua obra quanto sua trajetória foram muito inspiradoras para mim, sendo eu um artista que estava nos meus primeiros anos de produção”, recordou Gonper.

Ele afirmou que no dia seguinte à exposição no NAC, Antonio visitou uma exposição no mezanino da Fun-

dação Espaço Cultural (Funesc), organizada por Gonper e pelo artista visual Flauberto (radicado em Berlim). “Foi uma surpresa vê-lo chegar na exposição”.

Em 2000, Fabiano voltou a rever o paraibano na abertura de sua mostra retrospectiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e, a partir dali, mantiveram um vínculo mais afetivo. Ocorreram outros contatos pontuais, mas em 2003, numa exposição individual de Fabiano realizada na inauguração da galeria A Gentil Carioca, no Rio de Janeiro, Antonio Dias teve o primeiro contato com a obra de Fabiano, bem como, teve conhecimento do projeto do Gonper Museu, iniciativa idealizada por Gonper.

Dois anos depois, em 2005, Antonio Dias foi chamado para expor no *Gonper Museu*, em seu formato de projeto e instalação. “Antonio foi o primeiro artista convidado a expor no *Gonper Museu*. Esse foi um dos grandes momentos para o meu museu-obra/obra-museu. Na ocasião, foram escolhidas duas obras da série *A Ilustração da Arte* (1974).

Nascido na capital paraibana, em 1970, Fabiano Gonper estudou, trabalhou e morou na Paraíba, mas de 2007 a 2019 residiu em São Paulo, retornando a João Pessoa, em 2019, onde permanece. Nessas idas e vindas ao estado, ele recebeu a ilustre visita de Antonio Dias. “Ele me visitou em 2004, no meu atelier em João Pessoa; e também no meu atelier em São Paulo, em 2010”.

Depois de algumas conversas em exposições e vernissages, ou mesmo no apartamento de Dias no Rio de Janeiro, a última vez que os dois se encontraram foi na galeria Nara Roesler, em São Paulo, no ano de 2016. Ao **Correio das Artes**, Fabiano Gonper falou sobre a importância de Dias na carreira dele. “A obra do Antonio Dias me fez pensar arte, sociedade, política e a vida visceral do ser humano. Arte, vida, trajetória – toda a obra do Antonio é muito potente. Ainda no começo da minha produção, consciente do que seria fazer e pensar arte, eu me identifiquei com a arte conceitual e com o minimalismo. Antonio foi um grande artista que pensava a arte em suas entranhas, estranhas e observadoras do mundo interior e exterior”.



FOTO: ARQUIVO DO NAC/UFPA

Testemunhas da criação do NAC

Um dos centros culturais paraibanos de incentivo à produção de vários artistas é o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A criação do núcleo, em 1979, contou com a participação de um grupo de artistas visuais como Chico Pereira, Paulo Sérgio Duarte, Raul Córdula e Antonio Dias. Segundo o artista visual, curador e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Dyógenes Chaves, em uma das vindas de Dias à Paraíba, ele encontrou o artista visual Chico Pereira, que na época atuava como assessor de arte do reitor da UFPB, Lynaldo Cavalcante.

“Eles estavam criando, na universidade, ações de extensão além do Campus. Era a época dos núcleos – de teatro, de cinema, de artesanato. Então, Antônio foi convidado e indicou outro paraibano, Paulo Sérgio Duarte, que morava na França, para criar o Núcleo de Arte Contemporânea, o NAC da UFPB”, explicou Dyógenes Chaves.

Segundo ele, a ideia era aproximar a universidade das comunidades, por meio de ações de extensão cultural. Na época, era até algo considerado inusitado no meio acadêmico e artístico, porque ainda não se usava o termo “arte contemporânea”, como é comum hoje em

dia. O NAC, de acordo com Dyógenes, pretendia discutir e refletir sobre arte de forma multidisciplinar contando com outros centros e departamentos.

Segundo ele, Antônio fez a indicação da maioria dos artistas que participaram desta empreitada, entre 1979 e 1984. “Artistas eram convidados para uma vivência e imersão na universidade, como exemplo a presença de Cildo Meireles, Tunga, Anna Maria Maiolino, e até do crítico Mário Pedrosa, presente na inauguração do NAC, e isso foi amplamente divulgado e publicizado na imprensa nacional.

O artista visual, Raul Córdula, lembra bem da criação desse núcleo. Ele falou que das ideias empreendidas por Chico Pereira, a criação do NAC foi a mais importante. “E lá estava Antonio Dias, já considerado um dos maiores artistas brasileiros, trabalhando conosco. Tanto Antonio quanto Paulo Sérgio deixaram a Paraíba meses depois, mas suas participações no NAC foram fundamentais. Somente um ensaio aprofundado deste acontecimento poderá contar a história do NAC de forma a se avaliar sua importância. Mas há uma questão: o NAC que me refiro teve sua importância apenas entre 1979, sua criação, até 1985, quando existiu seu primeiro *design* organizacional”, acrescentou.

Criação do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 1979, contou com Antonio Dias

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do **Correio das Artes**. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Dias que conheci



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Chico Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

Lica Cecatti (E), Chico Pereira (C) e Antonio Dias (D), em uma das vindas do artista à Paraíba, no final da década de 1980

Vim saber de um certo Antonio Manuel Lima Dias, mais conhecido mundialmente como Antonio Dias, através de publicações em revistas e jornais, lá pelos anos de 1960. Um jovem artista plástico paraibano, nascido em Campina Grande, que fazia sucesso na Europa, notadamente em Paris, onde residia como bolsista do Governo brasileiro.

No idos de 1966, engajado nas artes plásticas em Campina Grande, juntei-me a Anacleto Eloi de Almeida, desenhista de arquitetura e estudante de Artes da UFPE, cujo escritório cheguei a trabalhar em 1961, e a Eládio Barbosa, estudante de engenharia e funcionário do Banco do Brasil, talentosos artistas a que vim me juntar para a criação da “Equipe 3”, grupo que muito contribuiu para a evolução das artes visuais na cidade, abrindo caminho para a contemporaneidade. Já vínhamos cada um participando de exposições na cidade e noutros estados.

Em 1967, tivemos um encontro com galerista Jean Bogue, dono da Galeria Relevô, no Rio de Janeiro, que veio a Campina, enviado por Drault Ernani, grande empresário e mecenas das artes (paraibano de Patos, radicado naquela capital desde os anos de 1930), com a missão de encontrar um local para a instalação de um museu de arte na cidade. Esse futuro museu fazia parte de um projeto de Assis Chateaubriand, dono de uma cadeia nacional de jornais, rádios, revistas e televisão, à época um dos maiores conglomerados jornalísticos do mundo, que desejava espalhar museus de arte pelo Brasil afora, através da Campanha Nacional de Museus Regionais, por ele criado. Campina Grande seria uma dessas cidades. Por trás dessa astúcia estavam dois campinenses: Edvaldo de Sousa do Ó, reitor da Universidade Regional do Nordeste, e Raul Córdula Filho, outro campinense ligado aquela universidade, que, no Rio de Janeiro, traçavam esses planos.

Com toda pompa e cerimônias, o museu foi inaugurado em 1967, com a presença do depurado federal Tancredo Neves, ministros chefes de estados, governadores, comandantes de forças armadas, grandes empresários e importantes celebridades da cultura, artistas plásticos brasileiros e estrangeiros, entre eles o mais famoso do momento,

**Passeio nas memórias
dos retornos de
Antonio Dias à
Paraíba para receber
homenagens, atender
compromissos, rever
os seus amigos e
também o seu mar**

Antonio Dias, que tinha sido capa de *O Cruzeiro*, a revista de maior circulação nacional, que raramente publicava fotografias de homens, no caso dando publicidade da premiação de Antonio na 2ª Bienal Internacional de Jovens, em Paris. Finalmente iria conhecer esse ilustre filho da terra, ou melhor: reencontrar, pois já nos conhecíamos desde a infância, laços interrompidos quando Antonio foi, aos seis anos, residir com um dos avós, em Alagoas.

Não sabia disso até quando seu pai, Alípio Dias, certo dia me apresentou um dos primeiros trabalhos dele e vim saber que aquele garoto que tinha nascido na rua Otacílio de Albuquerque, em 22 de fevereiro de 1944, mesma rua que nasci, em dezembro desse mesmo ano, morando em casas próximas do mesmo lado, era o mesmo Antonio da minha infância e cujo pai jamais imaginei ser Alípio, pai também de George Dias, que mais tarde voltaria à Paraíba como publicitário, e nos tornamos amigos também.

A partir do museu, cujo primeiro diretor foi Raul Córdula, outro amigo dessas mesmas histórias, que o conheci no ano de 1965, quando minha primeira exposição individual, realizada no *hall* de entrada do Tetro Municipal Severino Cabral, traçou-se um plano do imponderável entre os três artistas campinenses da mesma idade, Antonio Dias no cenário mundial, Raul dividindo-se entre João Pessoa e Rio de Janeiro, eu preso à terra, cada um no seu destino sem perder, no entanto, as relações que traria os dois de volta à Paraíba.

Em 1976, eu fui convidado pelo reitor da UFPB, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, para integrar-me à sua equipe. Passei a residir em João Pessoa, com a missão de tocar em frente projetos culturais da universidade. Certo dia, num domingo, voltando de Campina Grande, fui avisado pelo vigilante que dois senhores me esperavam até o começo da noite, mas foram embora porque um deles tinha uma viagem, mas havia um bilhete passado por baixo da porta de entrada da casa. Era de Antonio Dias, comunicando que ele e o pai, Alípio, estiveram me esperando, mas que mandaria uma carta explicando o motivo da viagem à Paraíba.

Aí começa uma nova história. Coincidentemente, na semana anterior, tinha visto numa revista encartada no *Jornal do Brasil*, no domingo, uma matéria de capa sobre o trabalho que Antonio tinha desenvolvido no Nepal, a partir



IMAGEM: REPRODUÇÃO

'Osso Quebrado' (1983), trabalho de Antonio Dias usando a técnica desenvolvida a partir das suas experiências no Nepal

do papel artesanalmente fabricados naquele país asiático, uma das heranças culturais mais antigas do mundo, acontecimento marcante para produção de trabalhos que seriam apresentados em vários países e exposto na Bienal Internacional de São Paulo.

Minha ideia era convidá-lo para vir à Paraíba, aproveitando o momento daquele reitorado prodigioso, em que artistas poderiam colaborar com algumas sugestões no campo das artes plásticas. No dia seguinte, levei a ideia ao Reitor. Este, coincidentemente, tinha visto a matéria e concordou, me autorizando fazer esse convite ao artista. Tentei no mesmo dia um contato por telefone para dar a notícia, mas ele já voltara à Europa.

Antonio Dias residia desde 1957 no Rio de Janeiro, tendo trabalhado inicialmente como desenhista de arquitetura e de gráfica, começando sua aprendizagem de artista como aluno do consagrado mestre da gravura Oswaldo Goeldi e em cursos livres de arte. Mesmo estando afastado do Brasil, ele mantinha seu atelier, uma casa em Copacabana, onde morava sua mãe, Edyla, guardiã desse lugar, cuidando das suas criações e seus acervos artísticos, de onde tinham nascidas suas primeiras e grandes ideias que lhe dariam reconhecimento no país e no exterior. Hoje, esse lugar permanece sob a guarda de Rara, sua filha.

Dias após a sua vinda a João Pessoa, eu recebi uma carta, vinda de Milão, na

Itália, onde o artista estava residindo, relatando o motivo da sua viagem, um convite do empresário Marcelo Veloso Borges, de quem era amigo, que o levou ao então governador Ivan Bichara, com o objetivo de que este conhecesse o famoso artista e ouvisse dele algumas ideias, onde Antonio, com seu prestígio, pudesse divulgar a arte paraibana. Nesse mesmo encontro esteve presente Hermano José, o decano das artes plásticas paraibana, que residia no Rio de Janeiro e voltara à Paraíba depois de aposentado pelo Banco do Brasil. Hermano, que dera continuidade às suas atividades de artista no Rio, conhecia Antonio Dias e acompanhava de perto a carreira profissional do artista.

Detalhes desse encontro com o governador soube depois, do próprio Antonio (e de Hermano mais adiante), que aceitaria o convite do reitor Lynaldo Cavalcanti, chegando com ele outro paraibano, Paulo Sérgio Duarte, psicólogo e crítico de arte, que também residia no Rio de Janeiro, mas estava à época morando na Europa. Esse encontro com o reitor foi decisivo para a criação do Núcleo de

Arte Contemporânea da UFPB (NAC), que, junto aos outros núcleos, marcaria uma fase de ouro da UFPB, como uma instituição preocupada com as diferentes manifestações da cultura, da erudita à popular, cumprindo sua missão de ensino e pesquisa, e extensão sob a supervisão do professor Iveraldo Lucena, naquela época pró-reitor para assuntos comunitários, cujo apoio foi decisivo para o estabelecimento dessa política de apoio à cultura e às artes na universidade, estendida à comunidade.

Para a criação do NAC, voltou à Paraíba Raul Córdula Filho, naquela época residindo no Rio de Janeiro, trabalhando como cenógrafo da Rede Globo, dedicando-se também ao seu trabalho artístico. Juntos partimos para a criação desse núcleo, envolvendo professores e alunos de cursos afins, principalmente os do Departamento de Artes e Comunicação, entre eles o próprio Paulo Sergio Duarte, que passou a residir em João Pessoa, trazendo uma extraordinária contribuição ao ensino e à extensão na universidade, sendo da sua autoria o texto que justificaria a criação do NAC, além da sua participação com Antonio Dias nos primeiros passos do núcleo e vinda à Paraíba de artistas plásticos relevantes e outras importantes personalidades da arte e do pensamento crítico da cultura contemporânea.

Nesses primeiros momentos, o NAC, que teve sua sede inaugurado em 1979, com uma exposição de Antonio, passou a ser uma referência nacional a outras universidades e para a arte contemporânea. Essa aventura está registrada no *Almanac*, relatório publicado pelo Núcleo, dando conta dessas ações entre os anos de 1978 a 1980. Outras importantes referências são *Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba* (Funarte, RJ, 2004) e o *Dicionário das Artes Visuais Na Paraíba* (Minc/Petrobrás, 2015), de autorias de Dyógenes Chaves Gomes.

Nesse período, Antonio Dias dividia-se entre a Paraíba, o Rio de Janeiro e frequentes viagens pelo mundo, principalmente à Alemanha, onde passou a residir na cidade de Colônia, seu novo endereço no exterior. Foi uma época de intenso trabalho para todos os envolvidos, Raul Córdula na coordenação do núcleo, tendo ao lado os já professores do Departamento de Artes e Comunicação, Silvino Espínola, que era o seu vice-coordenador, Sergio de Castro Pinto, primo de Paulo Sérgio Duarte, o arquiteto e escultor Breno Mattos, entre



Raro livro 'Política: ele não acha mais graça no público das próprias graças', de Dias, publicado pela UFPB (em parceria editorial de Córdula); obra registra, entre outras, uma referência ao incêndio do MAM (RJ) e queima de tijolo manual produzida na Paraíba

outros professores e funcionários que constituiriam a entusiasta equipe do NAC. Minha missão era tocar, com o pró-reitor Iveraldo Lucena, projetos que trouxessem recursos para os núcleos, grande parte junto à Funarte, que passou à condição de principal parceira das ações culturais da universidade. Mais à frente vim ocupar o lugar de Raul, que passou à condição de vice.

Nos seguintes reitorados, os núcleos perderam suas forças e os seus prestígios, não tendo conseguindo estabelecer o principal objetivo que era a interação entre professores e alunos dos diversos cursos da universidade, no processo de aprendizagem e extensão, principalmente seu papel de agente de relação entre a academia e a sociedade. Os núcleos passaram, inclusive em certos momentos, ser administrados por funcionários, quando os próprios professores se desinteressaram pelo seu funcionamento, contribuindo para isso, também, as próprias mudanças ocorridas no país por diferentes motivos, que a história vem registrando. Os funcionários e os poucos professores que continuaram ligados salvaram os núcleos, mas não conseguiram, obviamente, salvar as ideias para os quais foram criados.

O Núcleo de Arte Contemporânea, mais do que uma vontade administrativa e política no campo das artes visuais, foi um momento existencial importante para cada um dos envolvidos, para mim a oportunidade de aproximação com Antonio Dias, artista que eu me espelhava, e que viria com a sua presença colocar a Paraíba em um lugar de prestígio na arte brasileira, abrindo o olhar de jovens artistas que, hoje, transitam nas artes visuais internacionais. Para Antonio, a oportunidade de voltar à sua Campina Grande que sempre se referia como seu lugar de origem ou para rever o verde mar paraibano, que ele adorava contemplar e mergulhar. Quando das suas vindas, que incluíam viagens ao interior, até à distante região sertaneja, trazia com ele pessoas para conhecerem sua Paraíba.

A partir de então, estreitamos cada vez mais nossos laços de trabalho e familiares, tendo oportunidade de hospedá-lo na minha casa ou quando viajava ao Rio e nos encontrávamos, se lá ele estivesse, momentos que também serviam para discutir novas ideias ou rever projetos. Creio que foi o carisma de Antonio, sua generosidade e inteligência que mais contribuiu para colocar todos nós num mesmo barco a procura de portos onde pudéssemos desembarcar nossas ideias. Navegamos com ventos a nosso favor, também em águas tempestuosas contra rochedos.

Passado o tempo agitado em torno do NAC, cada um foi mudando de endereço e assumindo novas tarefas. Raul foi residir em Olinda e, hoje, reside em Recife, mas não cortou seus laços afetivos e artísticos com sua terra. Paulo Sergio Duarte voltou ao Rio, vindo ocupar importantes cargos públicos no campo cultural e na crítica das artes. Os outras, que são tantos, traçaram novos caminhos. Quanto a mim, eu fiquei para relatar essas histórias.

Antonio Dias voltaria outras vezes à Paraíba, para receber homenagens, atender compromissos de trabalhos ou mesmo discretamente para rever os seus e seu mar. Já não era mais a distante e famosa internacional personalidade das artes. Partiu sem realizar aquilo que mais desejava: fazer na sua terra uma grande exposição de suas obras. A Paraíba está lhe devendo.

Chico Pereira, é artista plástico, professor aposentado da UFPB, membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e gerente operacional do Museu de História da Paraíba.

O Casaco Marrom

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

1

Sentado numa pedra musgosa, à sombra de um mata-pau, Cipriano Reis esperava a noite para agir.

Fora liberto das grades há três dias, onde dividira a cela com o jovem Joca Seixas, que ainda cumpriria meio ano por ter furado o olho de um rival amoroso, numa briga.

A camaradagem entre ambos crescera a tal ponto que Joca lhe contara um segredo que nunca deveria ter saído de sua boca: seu pai, Romão, encontrara no sítio da família uma cumbuca enterrada, com joias, e só esperava a soltura do filho para vendê-las.

Cipriano, ao pisar a rua nem fora procurar os seus familiares, ansioso para se dirigir a Tabocal, onde ficava o sítio de Romão.

Agora, como um predador expectante, esperava, à sombra de um mata-pau, a hora exata para cutucar um rifle na cara do sitiante e despojá-lo de seu achado.

2

O entardecer trouxe um vento frio, que descia do Morro do Cipó e lhe causava arrepios.

Porém necessitava pôr-se em marcha, pela flo-

resta, pois o crepúsculo já começava a avermelhar o espaço.

La se levantar da pedra musgosa, quando ouviu passos numa estreita trilha no mato.

Adiantou-se e surpreendeu, entre a folhagem, um homenzinho de casaco marrom, que carregava um balaio de taquara, sujo de penas.

O indivíduo parecia inofensivo, mas poderia lhe atrapalhar o plano.

Como era ladrão, não assassino, apenas usou o fuzil para desacordá-lo com uma coronhada.

Vestiu, contudo, o casaco marrom, mesmo apertado, para cortar o frio.

3

Esgueirando-se pelo vão da ramaria como uma cobra silenciosa, chegou às proximidades do Sítio Mostarda.

Viu uma cerca de paus, vestida de melão-de-são-caetano, e ia escalá-la para penetrar no terreiro da casa, quando um estampido de arma de fogo antecipou uma aguda dor no peito.

Parou, oscilante.

Com a vista começando a turvar, conseguiu ainda perceber um velho de rosto duro e vingativo, que lhe falou:

— Assim que vi este casaco marrom, Macário, soube que era você, seu ladrão de galinha!

Eu disse, da outra vez, que não ia perdoar mais.

E cumpri!



Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de mais de 60 livros, o mais recente sendo 'Mulheres do Escuro', contos e novelas, lançado pela Editora Taturana, em 2024.

O amanhã

No costume, nem posso vender o amanhã,
ele não me pertence!
Pudera eu, nascer do amanhã guardado,
do depois, se é que existe?

Quisera eu rever os sentidos e os desejos humanos...
A priori, ganharia dinheiro e perderia humanidade,
mas não me engano!
Não mordo o depois, antes de lamber o agora,
e de lambuzar o hoje.

Por isso, não guardo abraços,
distribuo-os.
O amor deve ao grito
a prudência de escancarar os fatos
mais inseguros,
e a mesquinhez de denunciar a existência
mesmo que sofrida
das dores paridas da insensatez.

Não corrompo o hoje,
para ele não me corromper o amanhã,
espero ansiosa pelo minuto seguinte de minha existência,
a cada badalada desse coração
em descompasso inoportuno
desfaço o laço,
que me prende arraigada neste mundo.

Grão-Alimento

Sou de confluências terrenas
com insubmissos lagos noturnos,
ferozmente acarinhada
por palavras ternas,
vigilante do saber moribundo?

Do saber que não jaz na terra,
que semente virou e vingou,
esquecendo de arar e regar encerra,
o broto altivez num segundo?

Grão que da memória brotou,
com gotas poéticas do vazio profundo,
e a terra molhou
desse saber não moribundo.

E o sentimento-grão vagueia,
na força aguerrida dos pensamentos,
que esqueceu de lembrar por um segundo
e bloqueia,
quão precioso é este alimento
da terra oriundo.

OnlyFans

Trabalhadores do deleite
lédice, transparência
em fita vermelha escarlate
latte, gáudio da obscenidade.

Contento sem casca
o fruto-produto
a amostra,
nudes que aos olhos toca.

Passatempo desenfadado
egos inchados,
recreio,
Prateleira do meio
sem polidez
OnlyFans
o intento da insensatez.

Fio da memória

Quisera eu, espaçar o tempo,
e o fio da memória
tecer devagarzinho ao relento.
E nas horas que o orvalho beija a relva,
sentir o tato das coisas
que do sensível emana.

E de soslaio um sorriso
sem preparo soltar,
sem engasgo
de peito
solto, aberto.
E no olhar sublime
a medida do tempo
viver a experimentar.

Escrever

Dizem que a escrita desnuda o ser
cá estou eu, no processo de escrever,
a tecitura me leva por caminhos desconhecidos
mas, reconheço-me pelo meio do caminho.

A Silhueta demonstra
as curvaturas da existência
Desse ser que se faz
pesando a tinta.
Tingindo experiências do contar
Nesse processo mágico de experimentar.

Escrevo como quem precisa saber
O quê... não sei!
Só sei que escrevo pra conhecer.

de Vasconcelos

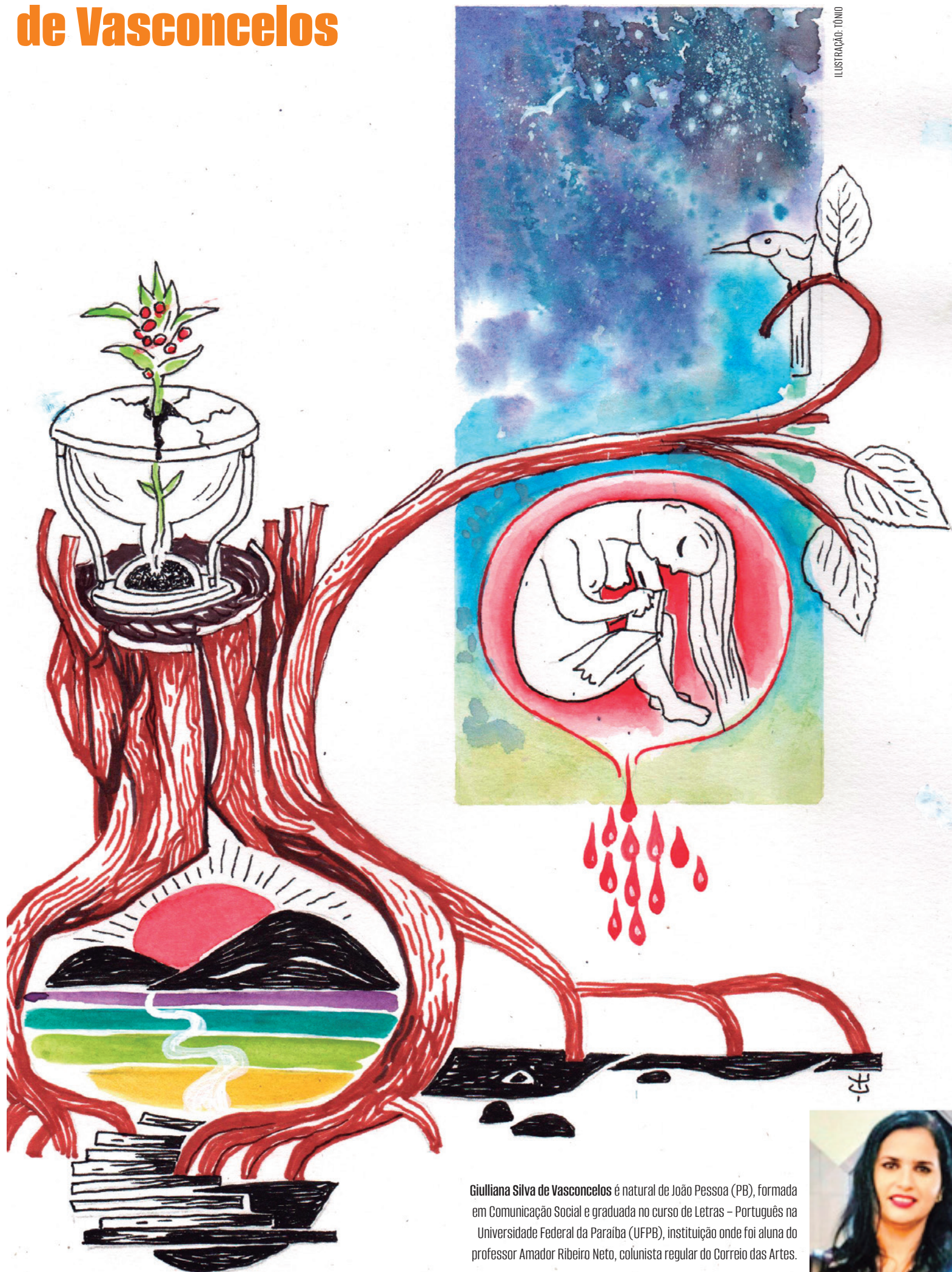


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social e graduada no curso de Letras – Português na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), instituição onde foi aluna do professor Amador Ribeiro Neto, colunista regular do Correio das Artes.



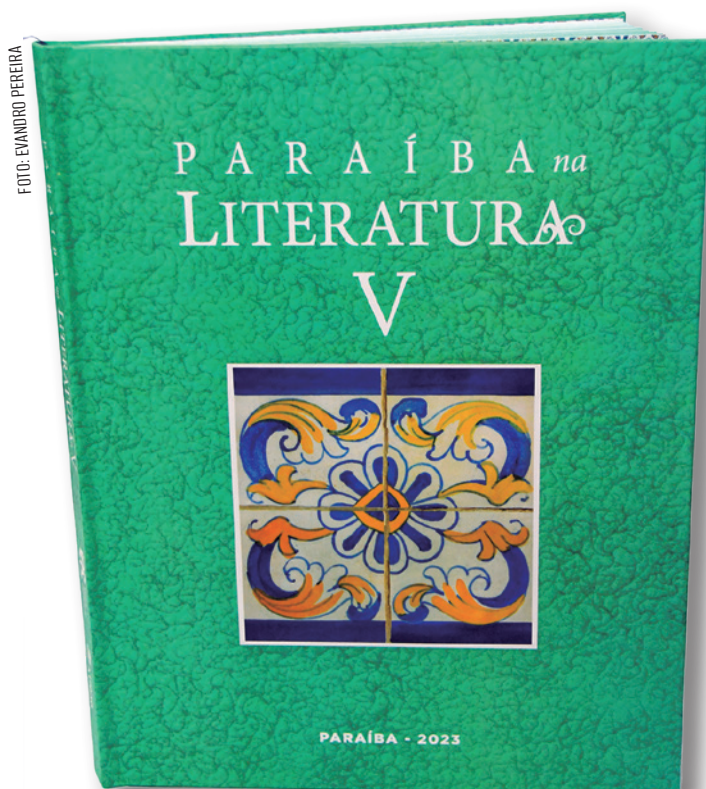


Amador Ribeiro Neto
amador.ribeiro17@gmail.com

**Consolidação oficial
no lançamento do
livro 'Paraíba na
Literatura V', um
raio que cai na
forma de versos e
a música como a
tônica da poesia**

Três livros e um apreciador privilegiado

Hoje, eu comento três livros pelas entranhas, possuído pela beleza que fugiu de cada um deles e se apossou de mim, tomou posse de meu todo. “*Baixou em mim*” como uma entidade num terreiro, ousou dizer, eu que sou ateu, mas cultuo todas as culturas e nelas me banho dias sem fim. E a poesia é um manto que carrego tatuado em meu corpo o tempo todo, acordado ou dormindo. Esta poesia, danação de livro e vida, saltou com gana três vezes. E eu a repasso aqui, com três batidas de tambor da selva, do palco, do teclado digital.



Na edição do 'Paraíba na Literatura V' há um capítulo sobre Amador Ribeiro Neto, escrito pelo poeta, professor e ex-aluno do curso de Letras da UFPB, Expedito Ferraz Jr.

João Pessoa e eu

Há 33 anos escolhi João Pessoa para ser minha cidade. Aqui me aposentei e aqui fico porque aqui sou imensamente feliz desde que cheguei. Claro que houve momentos difíceis. No início, eu tive motivos pra fazer as malas e voltar pro sudeste. Mas meu sangue paraibano *avant la lettre* já pulsava, tipo, o nordestino é, antes de tudo, um forte. E eu já me sentia nordestino. Logo de cara, num show de Alceu Valença, na praia de Tambaú, na hora do bis, abri uma faixa onde estava escrito: “Só privilegiados têm ouvido igual Alceu”. Ele, generoso e repentista de primeira, interrompeu a canção e sacou essa: “O paraibano que me saúda, etc., etc.”. Não me lembro de mais nada, só de um arrepio que me correu o corpo todo, da sola dos pés ao couro cabeludo, e gritei, pulando exultante nas areias de Tambaú: “Eu sou paraibano, Alceu me

batizou!”. Era 1991, o ano em que cheguei a João Pessoa.

Vinte e seis anos depois, em 23 de março de 2017, por indicação do amigo, poeta e colega de departamento na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o querido Sérgio de Castro Pinto, e proposição do vereador Lucas de Brito, recebo da Câmara Municipal de João Pessoa o honroso Título de Cidadão Pessoaense. Minha felicidade agora é oficial. Sou, de fato e de lei, um pessoense – e por extensão, paraibano. A cerimônia foi leve, com falas bonitas dos colegas de mesa, amigos queridos sorrindo no plenário, tudo muito emocionante.

2024. Na noite de 30 de abril, lançamento do livro *Paraíba na Literatura V* (Editora **A União**, 2024), abracei fortemente o jornalista William Costa, diretor de mídia impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e meu amigo, que me escolheu para integrar este volume, consolidando, assim, oficialmente, meu nome como autor paraibano. Agora sou paraibano da gema: cidadão e autor. Viva eu, viva a Paraíba! Obrigado, minha gente!

O capítulo sobre mim, intitulado *Professor, crítico literário, pesquisador e poeta*, escrito pelo amigo, poeta, professor e ex-aluno do curso de Letras da UFPB, Expedito Ferraz Jr., é um recorte crítico-criativo sobre minha biografia intelectual e acadêmica. Meu coração e meu intelecto estralaram de felicidade em gratidão, pela beleza de seu olhar de poeta e semiótico. Meu coração e meu cérebro, paraibanos, augustos, agradece em arianas por regose riachos doces de puro afeto.

Esta sempre foi, nunca duvidei, a cidade que escolhi para amar, trabalhar, viver plenamente. Agora, aposentado, desfruto de uma alegria sem tamanho, cada dia, que o tempo me propicia com generosidade.

Como eu gosto de brincar, daqui não saio nem morto. Meu último desejo: que minhas cinzas sejam dispersas nas águas do mar de Manaíra.

"Raio", uma outra faiscana poesia de Eucanaã Ferraz

Eucanaã Ferraz acaba de publicar *Raio* (Companhia da Letras, 2023) um livro que é muita coisa ao mesmo tempo.

Quando um raio explode expande sua eletricidade em várias direções. O livro de Eucanaã tem muita energia e em diferentes frentes. É mais arejado e diversificado que os anteriores. Na forma e nos temas. Ousaria dizer que chega a ser, inclusive – quem sabe por isso mesmo – mais solar.

Aos modos e assuntos da cultura popular soma referências eruditas de tradições artísticas e culturais. Poemas marcadamente sociais associam-se à sublime lírica de uma subjetividade explícita ou de mera observação de objetos. Quando não, de elaborada reflexão filosófica.

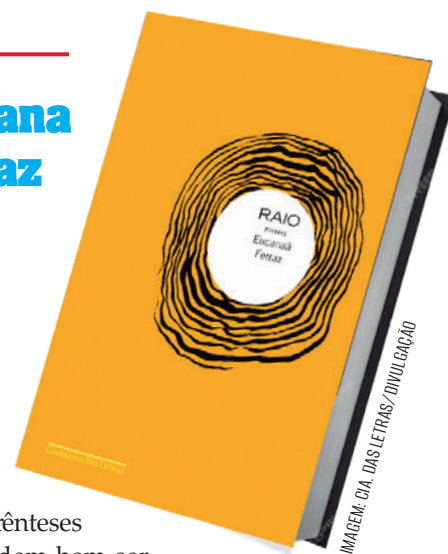
A gama de formas se estende dos poemas em prosa (dialogados, fábula), aos duetos, quadras, quintilhas, madrigais, barcarolas, como se poeta pontuasse que o bojo do século 21 é nave para todos os voos intergalácticos.

Dito assim parece que um meteoro atingiu *Raio* estilhaçando e fragmentando-o à deriva. Ledo engano. O livro estrutura-se sobre a conexão de signos e linguagens. Há uma malha de elos bem urdida entre o ato de criar e o ato de pensar o ato da criação.

Concomitantemente à entrega no processo da leitura, os poemas processam-se, comentam-se e fazem-se. O leitor o tempo todo sabe que está diante de um livro de poesia lendo um poema feito de um modo “X” para um fim “Y”. Averso e verso, poema e metacriação raíam recíproca e concomitantemente face aos olhos do leitor.

Brilho, luz e desvelamento heideggerianos da palavra processam-se *full time*. Palavra, frise-se, que é matéria concreta de apresentação, e não de epifania. O leitor emociona-se porque sabe o *know-how* da poesia. O leitor já se dá conta de que está diante de um Eucanaã Ferraz bem diverso dos livros anteriores.

Este poeta recolhe dados no vaivém das imagens recorrentes de entrega e apagamento: “(até que a noite desceu / e veio buscá-lo um búfalo)”, versos colhidos ao léu do resenhista, entre



parênteses podem bem ser uma surpresa, uma serpe, uma bruxa, que só ao leitor cabe estruturar ou desconstruir.

Aí reside um dos pontos altos do livro: no convite à coautoria de energia do leitor nessa chuva de raios: “Atravesso inteiro para o outro lado – lá onde a recusa é nunca – e atiro aos cães o que sofri. Tire seu cavalo da chuva. A chuva lava meu rosto”. “Nada pode o leão contra a pedra em que está esculpido”. “A tarde sobrevém numa revoada verde nervosa de maritacas”. “Quando estou dormindo aonde vai a voz?”. “restou a dor com seu esmalte”. “O cigarro era um erro tipográfico”. “e os peixes mais parecem bispos lépidos”. “(e nem me esperam barcos quando volto à praia surdo e sem braços)”.

Transcrevo um poema na íntegra:

Vivo

Mais que triste – *triste* que te tenhas retirado. Que tenhas desaparecido. Que o tenham levado para longe de nós os teus amigos. Que tenham tirado de ti os livros dos teus amigos Eugénio Carlos Herberto Sophia Ruy Belo e em nós é como se tivessem levado contigo – sem que tenhas podido resistir a isso – o verão que não podes gozar estando vivo. Mas os teus versos andam cá comigo. Teus versos livres nos fazem companhia do lado de fora do teu desaparecimento e de tal modo vivas e certas estão as palavras de *Crateras Óxido Outro nome As aves Existência A moeda do tempo* que nelas não se apaga o sol que trazem dentro invioláveis a qualquer sequestro.



"Neste momento", poesia de André Dick

Em *Neste momento* (Kotter Editorial, 2022), André Dick, celebra o tempo presente por dois modos: retomando suas memórias e cantando o porvir. Em outras palavras, o tempo é a matéria que escolhe para fazer poesia. A forma são imagens meticulosamente trabalhadas visualmente associada a uma musicalidade recorrente e delicada.

A música é a tônica de sua poesia que se pauta por várias anáforas, a figura de linguagem que consiste na repetição dos mesmos termos gramaticais no início, meio ou fim do mesmo verso. O poeta gosta de musicar suas ideias desta forma, enquanto as desenha imageticamente como numa fotografia ou numa sequência cinematográfica.

A mesma música entoa-se também em poemas corridos de uma só estrofe. Ou em poemas de versos curtos, estrofes curtas, quando não de versos e estrofes curtas conjuntamente. Ou pela espacialização dos versos na página. Aqui e ali, pelos recursos gráficos como o uso do itálico. Enfim, fatores que imprimem um ritmo à leitura, musicando o verso que, prene de assonâncias e aliterações e, conseqüentemente, de musicalidade, encantam o leitor.

Subdivido em três partes, *Infância*, *Caos*, *Casa em mudança* e *Mundo mundo*, *Neste momento* é conciso, inclusive, nos títulos dos poemas, formados, em geral, por uma única palavra: rua, palavra, ciclo, órbita, fliperama, casa, direção, bidê, fábula etc. A poesia de André Dick, sabidamente

considerada minimalista, expande-se neste livro em poemas longos, no entanto conservando a concisão, sua característica dominante, desde o início. Poesia substantiva, alheia a divagações, alia-se ao essencial do verbo, da lâmina, do sol, do signo.

Depois de agora

*Desde ontem
Ainda hoje
Portanto agora
Muito embora
O homem esteja aqui
Ainda hoje
Desde ontem
Hoje e ontem
Ou depois de agora
Esteja lá fora
O amor de outrora
A paixão ao sol
Que a chuva não evapora
Esteja transpirando
Com todos os poros
Que a pele aflora
Com toda a água
Que a lágrima chora
E com toda a alegria
Que a pele recorda
E a vida não solta
Com as mãos segura
Até o relógio ter corda
Até o canto do pássaro
Soar como banda sonora
Tudo entrar em movimento
A cidade e todos os edifícios
Na memória*

Atuando como se fizesse anáforas semânticas, o poeta vai reiterando sentidos dentro de sentidos, palavras que reverberam dentro e sob outras, num movimento contínuo de sons em *enjambements* que explodem na memória, dentro do cérebro, apontando para o futuro.

Este processo do poema que se imbrica no próprio poema, em camadas de significantes que escamam-se em significados por linhas de significações sucessivas – que, por sua vez, desenrolam-se em processos elados – constitui uma imbricação signica cuja cadência semântica, unida à sonora e visual, confere os contornos de uma dicção poética ricamente singular.

Assim, a poesia de André Dick configura-se como lúdica e ousada, valendo-se dos recursos da poesia experimental como informação e divertimento. Por isso, *Neste momento* é o livro deste momento. Daqui. Agora. Pra diante.

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

A noite de Carlos

Jon Moreira

Especial para o *Correio das Artes*

Tu pisavas nos astros distraída
Orestes Barbosa/Sílvio Caldas

Vamos, Carlos, está na hora. Já são quase cinco e o tempo passa de repente. O menino se recusava a levantar, preguiçoso. Ainda era tão cedo, queria mais tempo para ficar ali deitado fazendo nada. O corpo pesava tanto, estava tão fraco. Remanchava, virava de lado, fingia dormir de novo. Carlos, eu te conheço desde o segundo que tu nasceu e comigo esse fingimento não cola. O menino fez que não ouviu, se agarrava aos instantes que ainda tinha na cama quente. Além do mais, era um sábado, dia de ficar na cama o tempo que bem entendesse, não tinha escola, não tinha de fazer nada. Não queria se pôr de pé ainda madrugada pra ir num sei pra onde.

Ele distraiu-se da hora e lembrou que as férias já estavam ali virando a esquina, tão pertinho que já cheirava a sol. Ano passado ficaram uns dias em Jacumã.

Passava quase o dia todo na praia a base de Bokus e picolé vagabundo, eram as únicas coisas que o tiravam da água. Brincava com os outros meninos em uma boia improvisada feita de uma câmara de ar para caminhão. As costas pareciam se abrir de tanto ardor, mas vivia a felicidade barata e doce dos moleques na praia.

Ela se sentou ao seu lado na cama e o despertou de sua lembrança de mar. Tocou leve em suas costas, cantarolando uma daquelas cantigas de ninar dos primeiros tempos dos homens. O menino se acalentou com a voz de lira e sorriu, tossiu e voltou a sorrir. Enquanto durasse a canção, ele estaria protegido do próprio destino, do estupor da realidade, da hora que se aproximava intransigente. Mas logo ela se calou.

Carlos se virou de costas e chorou como seu derradeiro gesto de não. Ela passou a mão em seus cabelos com um carinho maternal e disse: Carlos, as coisas são assim. Chega a hora e a gente tem de levantar, cuidar nas coisas e seguir.

Você não pode passar a eternidade aí deitado enrolando o tempo como o lençol que te cobre. Venha, meu menino, que a hora já é cumprida.

Carlos se aninha em seu colo e segura sua mão fria enquanto sobem olhando sob os pés o telhado de sua casa, o bairro da Torre, as luzes ainda acesas da Paraíba inteira, o sistema solar entre outras esferas rutilando na visão do menino.



Jon Moreira é natural de João Pessoa, poeta, professor e doutor em Letras pela UFPB. Publicou, em 2015, o livro de poemas 'Anjo Diluidor' pela Editora Patuá, além de participar de coletâneas e antologias. É pesquisador nas áreas de Literatura e Canção Popular.

Um Patrimônio Nacional chamado

ZÉ DO NORTE

Francelino Soares
Especial para o *Correio das Artes*

Não é sem tempo que o artista paraibano de Cajazeiras, Alfredo Ricardo do Nascimento, está a merecer os encômios por parte dos seus conterrâneos, mormente daqueles que vivenciam as artes, especificamente nas áreas da música, da poesia sertaneja e do folclore.

Zé do Norte, como ficou conhecido, circulou por essas áreas culturais, representando o nosso estado no Nordeste e em outras regiões, com atuação de destaque no Sul do país, onde, por mais de cinco décadas, militou na radiofonia, deixando-nos, sobretudo, poesias e composições de natureza folclórica.

Sentimos estar no tempo de tornar público o conhecimento mais a fundo de suas atividades artísticas que somente enobrecem a nossa cultura.

É com esse sentimento que estamos propondo à Assembleia Legislativa da Paraíba a criação de uma (nome da comenda – Medalha de Honra ao Mérito Artístico), com a qual, em futuro, estaremos prestando homenagem e reconhecimento a tantos quantos estejam, de alguma forma, engajados a esse universo dito cultural.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Quem foi Zé do Norte?

Embora compositor, escritor, poeta, folclorista, é como cant(ad)or que Zé do Norte, Alfredo Ricardo do Nascimento, é hoje reconhecido como um Patrimônio Nacional, pois foi a música que ele cultivava desde a infância que se constituiu seu universo em que atuava.

Nascido em 1908, na Zona Rural de Cajazeiras, no sítio São Francisco, localizado no antigo distrito de Bom Jesus, ele foi o primogênito de uma família de cinco irmãos, que passou por uma infância de carências e faltas, para o que, talvez, tenha contribuído o fato de haver perdido o pai, quando contava apenas dois anos de idade. A penúria levou a família a mudar-se para a sede do município onde, com o objetivo de ajudar a mãe na criação dos quatro irmãos, viu-se forçado, ainda criança, a trabalhar na roça. Casando-se a mãe, quando se vislumbrava alguma possibilidade de melhoria de vida, para completar o seu calvário, aos 11 anos de idade do garoto, falta-lhe aquela que foi vitimada por um derrame cerebral (AVC). Por essa época, a troco de executar os trabalhos de limpeza na casa/escola do professor Crispim Coelho, recebia os primeiros ensinamentos escolares, familiarizando-se com as primeiras letras (Carta de ABC) e iniciando-se no conhecimento dos números (Tabuada).

Órfão de pai e mãe, o menino volta a morar na Zona Rural aos cuidados de um tio, dessa vez no sítio Angelim, cercanias de Cajazeiras. Essas circunstâncias o fizeram abandonar os primeiros estudos e a encarar o trabalho como uma necessidade de sobrevivência. A seca que assolava o Sertão levou-o a executar as atividades que se lhe apareciam: torna-se, assim, um cuidador de cabras, apanhador de algodão, condutor de tropas de burro no transporte do produto e, quando lhe sobrava tempo, trabalhava como “botador d’água”, vendendo o precioso líquido de porta em porta pelas ruas da cidade.

No início da adolescência, circunstâncias domésticas o levaram a ir morar com uma tia, em Juazeiro (CE), onde passou a trabalhar nas feiras livres, onde ela possuía um negócio com a venda de bugigangas domésticas, como cabaças, peneiras, chapéus de palha e afins. Foi ali que ele travou os primeiros contatos com violeiros e cantadores que se apresentavam ao lado do seu tio, cego e cantador de versos e

trocador de viola e clarinete. Desde aí, começou o garoto a “tomar gosto” em ouvir os cantadores, imiscuindo-se no ambiente. Continuava a batalha pela sobrevivência. Um acidente doméstico – a quebra involuntária de uma cabaça – levou-o a ser ameaçado pelo tio que lhe prometeu dar-lhe uma “pisa”, hábito comum e corriqueiro naquela época. Foi o suficiente para que o menino “fugisse de casa”, sem eira nem beira, sem destino certo.

Ainda na década de 1920, saindo do interior cearense, ele foi tentar a vida em Fortaleza, onde conseguiu emprego como garção de um bar.

Quando chegou à idade adequada, alistou-se para cumprir seu tempo no Tiro de Guerra local, após o que foi aventurar-se no Rio de Janeiro, em 1928, indo servir, já como cabo, no 1º Regimento de Infantaria da Vila Militar, chegando a exercer atividades ligadas à Enfermagem, no Sanatório Botafogo e no Hospício Nacional de Alienados. Foi-lhe então oferecida a oportunidade de cursar a Escola de Aper-

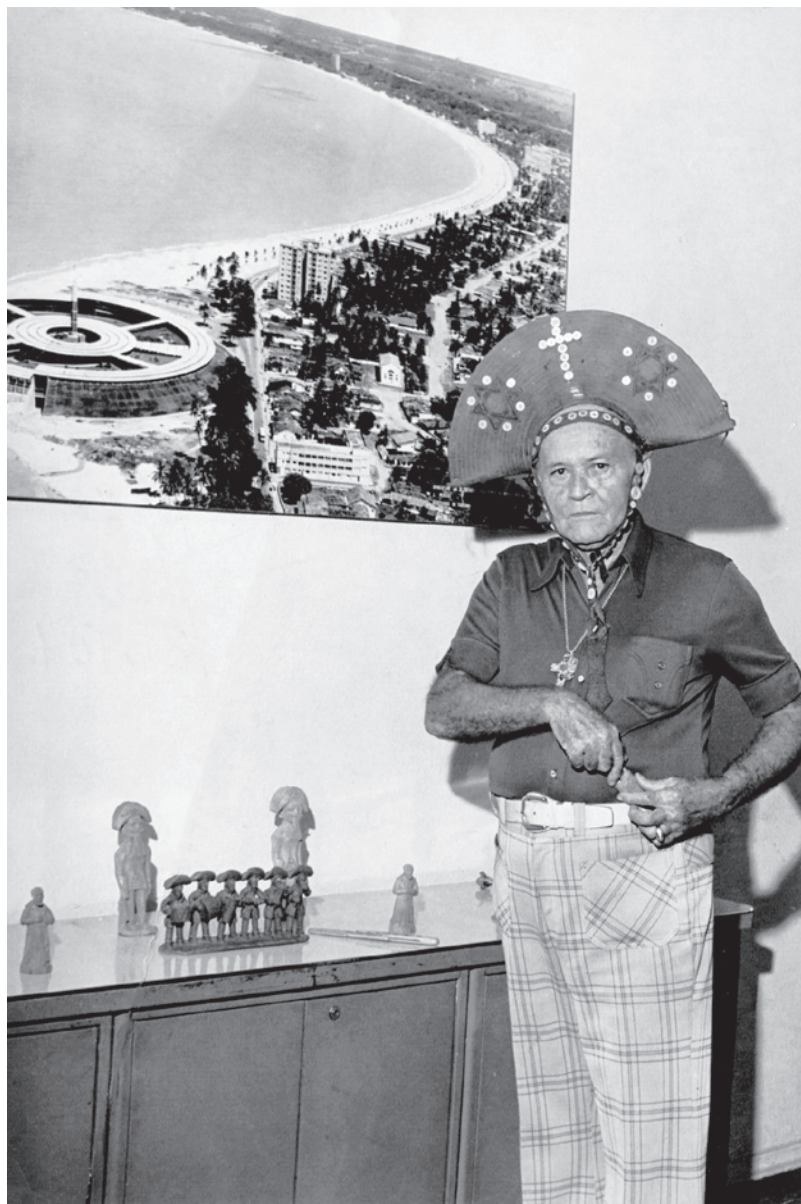


FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

Mesmo sendo uma canção folclórica de domínio público, foi Zé do Norte (1908-1979) quem tornou a clássica “Mulher Rendeira” popular por conta do arranjo harmônico como a conhecemos atualmente

feitoamento de Oficiais, onde permaneceu até 1929, já com seus 21 anos.

Residindo no morro de Mangueira e já familiarizado com as cantorias que ali se realizavam, por ocasião da Feira de Amostras do Rio de Janeiro, em 1938, foi contactado e convidado pelo jornalista, cronista, dramaturgo, teatrólogo e radialista Joracy Camargo para participar do elenco a ser formado para o show *Aldeia Portuguesa*. O sucesso, contando e cantando a embolada de sua autoria, “Errou o tiro” – uma criação sua em que debochava do capitão que havia matado Lampião – para uma pequena multidão que o aplaudia e pedia “bis” chamou a atenção de Lacy Martins, irmão do compositor Herivelto

Martins, que o encaminhou à Rádio Tupi, em 1939/40, já adotando o nome artístico de Zé do Norte e passando a atuar ao lado de nomes consagrados, como Sílvio Caldas e Orlando Silva e Carlos Galhardo. De pronto, ganhou um programa – *Noite da Roça* – em que buscava lançar novos artistas, como aconteceu com a dupla Alvarenga & Ranchinho, Luiz Vieira, Inezita Barroso e Luiz Gonzaga, que buscava o seu espaço no universo musical.

Os seus caminhos se firmavam no ambiente artístico. Assim, vamos encontrá-lo subindo os degraus na radiofonia: em 1941, transfere-se para a Rádio Transmissora, empresa que deu origem ao sistema Globo, onde chegou a comandar dois programas: *Desligue, faz favor!* e *Hora Sertaneja*, sempre com a temática folclórica.

Por volta do ano de 1942, acometido de problemas de afonia, afastou-se do rádio, ambiente a que voltaria em 1945, como contratado, sucessivamente, para as emissoras Rádio Clube do Brasil, Fluminense, Guanabara e Tamoio, sempre atuando como animador, organizador de programa, cantor e declamador de causos e poesias folclóricas; em 1948, já estaria na Rádio Guanabara; em 1949, leva o seu “Hora Sertaneja” para a Rádio Tamoio; ao lado de suas atividades radiofônicas, em 1948, lançou o livro *Brasil Sertanejo*, hoje considerada uma obra rara de poemas com o veio folclórico, tônica de todo o seu trabalho. A este propósito, seguramente se pode colocar Zé do Norte no mesmo pedestal de folcloristas, como o norte-rio-grandense Câmara Cascudo e dos paulistas Mário de Andrade e Cornélio Pires; em 1956, volta à Rádio Tupi com a apresentação de *Alegria do Sertão*. Como se verifica, Zé do Norte primou por valorizar o ambiente sertanejo que lhe era bastante familiar.

O conhecimento na área social permitiu-lhe pleitear uma vaga na Câmara de Vereadores de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1950, pelo então PST. Não obtendo sucesso, a política perdeu um batalhador, mas o mundo artístico continuou a tê-lo como um de seus valorosos integrantes.

O ano de 1953 marcou – pode-se dizer – um ápice, levando-o à projeção nacional e até internacional, por ocasião do lançamento do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, que o convidou a elaborar a trilha sonora da película. Este, atendendo indicação da roteirista e escritora Rachel de Queiroz, também o contratou como consultor de linguagem para a produção. Vários prêmios foram então conquistados, inclusive como o de melhor filme no

Festival de Cannes, com destaque para a trilha sonora: “Sodade, meu bem, sodade!” (gravada por Vanja Orico), “Lua Bonita”, o coco “Meu Pião” e “Mulher Rendeira”. O vínculo com o filme afastou-o do rádio. Um fato polêmico da época: não se sabe por que razão o nome de Zé do Norte não foi incluído nos créditos do filme. Um processo foi levantado, no valor de trezentos mil cruzeiros (moeda da época) e cujo desfecho nunca foi divulgado.

No plano essencialmente musical, um destaque para uma das suas criações: uma polêmica ainda ocorre com relação à criação de “Mulher Rendeira”, hoje tida como uma canção folclórica de domínio público, uma espécie de hino nacional do nosso folclore, porém deve-se ressaltar que foi Zé do Norte quem a tornou popular e criou para a música um arranjo harmônico como a conhecemos hoje. Segundo ele mesmo afirmava, costumava ouvir lampejos dessa música quando, ainda criança, a ouvia como cantiga de ninar improvisada pela sua mãe. O fato é que estão registradas e editadas pela Fermata cerca de cem músicas de sua autoria.

Em uma passagem rápida pelas suas criações musicais, vamos encontrar algumas que se sobressaem. Enfim, dentre as músicas de sua lavra, existem registros de fonogramas gravados por diversos e consagrados intérpretes, como Inezita Barroso, Geraldo Azevedo, Luiz Vieira, Elba Ramalho, Alceu Valença, Socorro Lira, Sandra Belê, Zé Paulo Medeiros, entre tantos outros, e até Raul Seixas, cujo estilo musical era mais roqueiro.

Do seu currículo musical, vamos selecionar as criações mais importantes:

■ “Sodade, meu bem, sodade!” foi criada quando ele contava apenas onze anos, ao que foi levado, conforme ele mesmo afirmava “por uma desilusão amorosa”. Dentre as gravações mais conhecidas, estão as de Vanja Orico, Nana Caymmi, Maria Bethânia, Pena Branca & Xavantiinho e Xangai. É notório o fato de que Caetano Veloso utilizou versos dessa música, incluída no seu álbum (LP) *Transa*, de 1972, na faixa “It’s a Long Way” que, embora como música incidental, não mereceu o devido crédito, o que, em prensagem posterior do disco, foi feito;

■ “Mulher Rendeira” mereceu registro fonográfico em várias línguas, como inglês, alemão e espanhol, merecendo, igualmente gravações de Joan Baez, Domenico Modugno e Michel Legrand. A música é

tida como tradicional, portanto de domínio público, mas não se há como negar a adaptação das estrofes como a ouvimos na citada trilha sonora do filme *O Cangaceiro*. Ele próprio admitia tê-la ouvido, quando criança, como uma “cantiga de ninar” que a mãe dele cantava;

■ “Meu pião”, o pernambucano Geraldo Azevedo gravou esta, com todo o estilo que ela merecia;

■ “Lua Bonita”, outra gravação que levou o baiano Raul Seixas e viver o clima do criador, deixando de lado o humor e sarcasmo que quase sempre estavam presentes na sua *playlist*.

Sem a obrigatoriedade de buscar os intérpretes, listamos outros sucessos da criação de Zé do Norte, dentre os 100 que estão registrados e editados pela Fermata: “Coco de Macaíba”, “Milho Verde”, “Lamento de Acauã”, “Meu Baraio dois-dois”, “Mineiro tá me chamando”, “Mudança da Capitá”, “Na Fazenda do Ingá”, “Na Paraíba”, “No Bueiro da Usina”, “Prazer de Boiadeiro”, “Será que eu sou baiano?”, “Siri jogando bola”, “Vaca Turina” e “Vamos rodar”.

Enfim, merece destaque especial a homenagem que foi prestada pela sertaneja de Brejo do Cruz, que se deu ao luxo de fazer um álbum (CD) integralmente dedicado a *Zé do Norte – 100 anos*, com 12 criações dele, com a interpretação em parceria dela com Vanja Orico, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Sandra Belê e Zé Paulo Medeiros.

Zé do Norte visitou sua terra natal quando da realização do 9º Festival de Artes de Cajazeiras, que ocorreu de 31 de agosto a 7 de setembro de 1985, portanto sete anos antes do seu desenlace, ocorrido em 4 de janeiro de 1992. Naquela ocasião, voltou a ter contato com os seus familiares remanescentes, e foram-lhe prestadas às devidas e necessárias homenagens em matérias jornalísticas e radiofônicas. Quando em Cajazeiras, ele foi ciceroneado pela jornalista Mariana Moreira Neto, que cunhou essa frase lapidar: “Zé do Norte foi expulso do Nordeste pela seca e pelas vicissitudes do tempo”.

Registre-se que, na cidade, foi criado o Centro Cultural Zé do Norte, em espaço adeso à Biblioteca Municipal Castro Pinto, bem como lhe foi conferida a titularidade da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal), tornando-se patrono da cadeira nº2, ocupada pelo professor e multimídia Aguinaldo Rolim.

Francilino Soares é escritor, professor aposentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal)

Paulo Sérgio Vieira

Mistério do terço.
No final das contas,
sempre adormeço.



Fã de dicionários,
a traça não lê, devora
Soares Amora.



Sem nenhum pudor,
pétala por pétala,
se descompõe a flor.



Antes da colheita,
separam o joio do trigo.
Bando de pardais.



Janela fechada.
Na pressa de ir embora,
melro dentro, canto fora.



Fim de festa,
afrouxar de gravatas.
Voam borboletas.



Frugal primavera.
No cesto, entre os frutos,
nenhum haicai.



Bicadas de pássaro
na fruta caída.
Colheita cumprida.



Roxo nem amarelo,
branco nos ipês.
Dias de geada.



Torre da igreja,
a garça alça voo.
Graça alcançada.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Paulo Sérgio Vieira é poeta e escritor paraibano, autor de diversos livros de poesia, dentre eles 'Soletrar das sombras' (Vencedor do 1º lugar na categoria Poesia do prêmio literário Políbio Alves 2021/Funjope), ora no prelo, 'Cílios de Deus' (Editora da UFPB, 1995), 'Diálogo das horas' (Editora da UFPB, 2014), 'Plumagem do vento' (Editora da UFPB, 2019), 'Sol no quintal' (Bestiário, 2023) e o infantojuvenil 'A arte de contar estrelas' (Ideia Editora, 2022).





Tiago Germano
tdgermano@gmail.com



CHARGE: JOÃO GALVÃO/FOLHA DE S. PAULO

Arte reflexiva de João Galvão sobre a catástrofe socioambiental no Rio Grande do Sul que causou polêmica nas redes sociais: "Charge não se resume a piada"

A tragédia dos cínicos

A ironia se tornou o código dominante na internet, em um mundo em que nem todos são fluentes na linguagem

"Não chora, vai alagar ainda mais", dizia a charge que o artista João Galvão publicou na *Folha de S. Paulo* sobre a catástrofe socioambiental no Rio Grande do Sul. Na imagem, uma família se abriga no teto de uma casa em meio ao dilúvio, e uma criança tenta consolar seu irmão desamparado. Severamente criticado nas redes sociais, Galvão redigiu um pedido de desculpas em que fala da "natureza primeira" da charge: provocar reflexão não apenas pelo humor, mas também pela gravidade e até pela tristeza, atributos que o autor reconhece em sua obra, apesar das reações negativas.

"Charge não se resume a piada, charge não é deboche, não é meme", Galvão tenta se justificar, depois de reiterar suas desculpas a quem não quis "arrastar para o lado" e ficar só na primeira tela de sua postagem sobre o assunto, em seu perfil de Instagram. Os comentários ao texto se dividem: há quem o parabenize pelo pedido de desculpas, há quem o siga criticando.

Os que o criticam argumentam o óbvio. Um breve passeio pelas manchetes e temos a noção da verdadeira gravidade e tristeza nessa história toda: no Vale do Taquari, na região central do estado, uma família foi encontrada morta, os corpos abraçados e soterrados após um deslizamento. Em áudios que circulam nas redes sociais, voluntários relatam histórias tocantes como a de

uma menina que pede para recolherem uma boneca boiando nas águas, até os adultos se darem conta de que não se trata de uma boneca, mas de um bebê morto, flutuando. Uma jovem se despede dos pais, depois de ver seu cão ser arrastado pela correnteza e, antes dela mesma ser levada, num desespero audível. Em vídeos registrados por celulares, a mesma agonia: pessoas resgatadas em lanchas e caminhões enquanto animais são vistos no teto, lutando também pela sobrevivência.

Qualquer vestígio de ironia, aqui, é um golpe inclemente no peito.

Acontece que, há muito, a ironia tornou-se o código dominante na internet, num mundo em que nem todos são fluentes na linguagem e em situações em que ela acaba mascarando o cinismo como uma reação natural e oportunista a assuntos quase sempre refratários a uma resposta rápida, sagaz e dotada de algum humor (ainda que latente). Foi assim semanas antes, quando uma mulher levou seu tio falecido a uma agência bancária, numa cadeira de rodas, para tentar fazer um empréstimo, e a internet foi invadida por tiradas irreverentes e *memes* do tio Paulo no cartaz do filme *Um morto muito louco* (1989) ou como um personagem do videogame *Grand Theft Auto*.

O pequeno drama de Tio Paulo virou escada para humoristas de sofá, num desvirtuamento muito comum numa época em que o virtual não é mais uma ficção do real, senão exatamente o contrário: porque o que está acontecendo no âmbito da internet já começou a transtornar a realidade, e o que antes pareciam espaços para jovens inconsequentes trocarem piadas internas diante de uma tela agora se tornaram ambientes de grandes corporações, nichos que impactam resultados de eleições, simulacros que têm o poder de salvar e destruir vidas.

O documentário *A rede antissocial: do meme ao caos* (Netflix, 2024) faz um ótimo retrospecto deste fenômeno jogando luz no obscuro *4chan*, um site que provavelmente deu origem à maioria de *memes* que hoje circulam no Twitter e no Instagram, dos mais perigosos aos mais inofensivos. É a terra natal de uma comunidade que se alfabetizou muito antes de você numa cartilha hoje vendida a políticos e empresas, na ambição de manipular algoritmos como tijolos, na construção de uma realidade ainda mais apocalíptica do que ela já é.



FOTO: 20TH CENTURY FOX/ DIVULGAÇÃO

Cartaz do filme dos anos 1980, "Um morto muito louco", que foi ressuscitado para os "memes" da mulher levou o seu tio falecido a uma agência bancária, em uma cadeira de rodas, para tentar fazer um empréstimo



FOTO: NETFLIX/ DIVULGAÇÃO

Cena do documentário "A rede antissocial: do meme ao caos" (Netflix), que mostra o surgimento do fórum "4Chan" e retrata o perigo do ódio coletivo que nascem graças ao anonimato que a página oferece

Como temos visto no caso da tragédia gaúcha, em que a disseminação de notícias falsas vêm comprometendo as felizmente inúmeras iniciativas louváveis de quem, em meio ao caos, tem se disposto a ajudar. De golpes com chaves falsas de Pix para doações em dinheiro até (pasmem) teorias conspiratórias de que o governo estaria provocando o temporal artificialmente, bombardeando a ionosfera, tudo nos leva a crer no inimaginável e no desumano, preditivos que sempre parecem aflorar em contextos calamitosos: pessoas lucrando e se divertindo com o desastre, inclusive fabricando e teatralizando relatos, aproveitando-se da suspensão da descrença

e dos ânimos mais sensíveis em busca de um do almejado engajamento: uma curtida a mais, um compartilhamento a mais, um seguidor a mais.

Enquanto isso, Ailton Krenak apela no Reels: "a ideia de que o mundo está acabando é uma ótima desculpa pra gente não fazer nada".

Não, o mundo não está acabando. Mas a humanidade talvez esteja. E se a natureza primeira da charge é provocar reflexão, já nem na charge cabemos mais. Viramos um tipo de caricatura rara, em que só os caricaturados são capazes de rir diante de sua deformidade enquanto o resto de nós chora, luto após luto, neste trauma insuperável.

Tiago Germano é autor do romance 'O que pesa no Norte' (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de 'Demônios domésticos' (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB)

“Nordeste nunca houve”,

uma leitura que desfaz a
ficção da região

Egberto Vital

Especial para o *Correio das Artes*



*Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do Sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: conheço o meu lugar!*

— Belchior

Nordeste Nunca Houve (Editora Arribaça, 2023), obra do professor Johniere Alves Ribeiro, emerge como um eco urgente na crítica literária contemporânea, uma urgência que reverbera além dos limites convencionais da academia. Originada de sua tese de doutorado, a sua jornada teórica não apenas traça um novo caminho para a compreensão do Nordeste brasileiro, mas também serve como um manifesto intelectual que desafia os paradigmas (pré)estabelecidos que, nas palavras do próprio pesquisador, “fazem questão de enclausurar a cultura nordestina no que se convencionou denominar ‘cultura tradicional’” (Ribeiro, 2023, p. 68), uma noção que, por si só, hermetiza a noção de Nordeste na plasticidade de um invólucro que incorpora em um único conglomerado cultural, uma região múltipla e diversa. Em seu estudo, Johniere lança um olhar atento a essa problemática.

Ao debruçarmo-nos sobre as páginas deste trabalho, somos conduzidos por um percurso teórico-crítico que transcende uma simples hipótese de reconstrução histórica da região. Ribeiro não se contenta em simplesmente desconstruir os estereótipos arraigados que folclorizam a imagem

**Percurso
teórico-crítico
transcende
uma simples
hipótese de
reconstrução
histórica
nordestina**

do Nordeste; ao invés disso, ele se propõe a reconstruir, reinventar e ressignificar a própria essência cultural da região a partir de suas produções artístico-literárias. Nesse processo de (re)inventiva simbólica, ele desafia os preconceitos e as visões simplistas que há muito tempo permeiam o discurso sobre o Nordeste, emergindo como um agente de transformação cultural e intelectual que vai de encontro aos exotismos que limitam o nordestino ao sofrimento árido do sertão sem desenvolvimento.

A abordagem do professor é elaborada a partir de um diálogo crítico e criativo com as teorias legadas por Gilberto Freyre e Albuquerque Junior. Ao fazer uma releitura desses clássicos da crítica brasileira, o autor não apenas os contextualiza em um mundo contemporâneo de constante evolução, mas também os revitaliza com um novo encadeamento de interpretações e perspectivas, sobretudo quando sugere, no terceiro capítulo, uma possibilidade de interpretação que rompa com a estética da seca, propondo o olhar para outras cartografias da escrita literária do Nordeste, sobretudo do romance nordestino contemporâneo.

Contudo, esse é um estudo que respeita profundamente o legado desses estudiosos, ao mesmo tempo em que os transcende, incorporando novos referenciais teóricos, como a proposta de leitura de um Nordeste rizomático, evocando os conceitos de Deleuze e Guattari, para dar forma a uma visão mais ampla e abrangente do Nordeste hoje, de um *devenir-nordeste*, uma vez que “assim como um rizoma, o Nordeste não é algo exato” (Ribeiro, 2023, p. 84).

Além disso, Johniere amplia o escopo de sua análise, explorando as interseções entre literatura, cultura e sociedade. Ao incorporar as reflexões do professor Luciano Justino sobre Literatura de Multidão e Intermedialidade, ele enriquece ainda mais sua discussão, revelando as complexidades e as nuances da experiência nordestina contemporânea. Esse mergulho profundo nas águas da literatura nordestina não apenas desmistifica os clichês e estereótipos que há muito tempo exotizam a visão da região, mas também nos convida a repensar nossas próprias noções de identidade cultural e literária. Johnie-



FOTO: AGERVO PESSOAL

re Alves Ribeiro, de fato, transcende as fronteiras representativas da região nordestina, em um tratado sobre a natureza fluida e multifacetada da cultura brasileira. Ele nos desafia a abandonar as representações unidimensionais e estáticas do Nordeste e a abraçar uma visão mais dinâmica e expansiva da região.

É uma leitura que não apenas redesenha percursos teóricos e informa, mas também inspira e transforma, lançando luz sobre um Nordeste que é ao mesmo tempo familiar e estranho, antigo e novo, singular e plural. É uma obra que nos convida a repensar concepções pré-estabelecidas que grava-

Originada da tese de doutorado do professor Johniere Alves Ribeiro, a jornada teórica traça não apenas um novo caminho para a compreensão do Nordeste brasileiro, como também serve de um manifesto intelectual que desafia os paradigmas (pré)estabelecidos

ram a imagem de um lugar único que sempre foi representado por imagens que evocavam “a miséria, a fome, a pobreza, como uma forma de esconder a potência que há no Nordeste” (Ribeiro, 2023, p. 81).

A proposta teórica de Johniere Alves Ribeiro nos leva além desse Nordeste que nunca houve por que ela é desenvolvida por alguém que conhece o seu lugar.

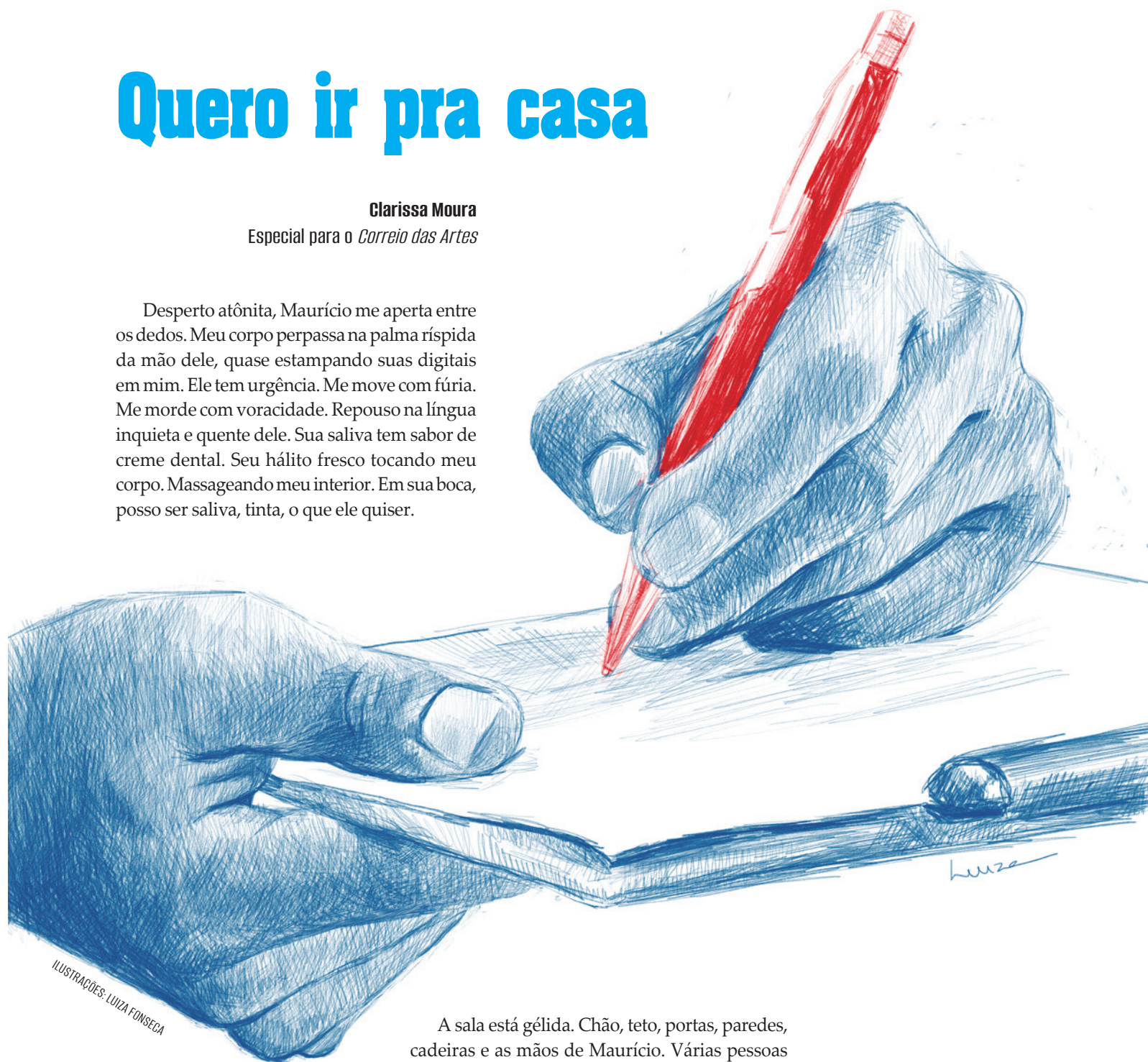
Egberto Vital é escritor, poeta e professor da rede pública estadual da Paraíba, graduado em Letras pela UEPB, mestre em Literatura e Ensino pelo PPGLE/UFGG e doutorando em Literatura e Interculturalidades pelo PPGLI/UEPB. Também é autor de 'Rasgos Poéticos' (Arribaça, 2023) e membro do Grupo de Pesquisa “Observatório de Crítica e Literaturas menores” (CNPq).

Quero ir pra casa

Clarissa Moura

Especial para o *Correio das Artes*

Desperto atônita, Maurício me aperta entre os dedos. Meu corpo perpassa na palma ríspida da mão dele, quase estampando suas digitais em mim. Ele tem urgência. Me move com fúria. Me morde com voracidade. Repouso na língua inquieta e quente dele. Sua saliva tem sabor de creme dental. Seu hálito fresco tocando meu corpo. Massageando meu interior. Em sua boca, posso ser saliva, tinta, o que ele quiser.



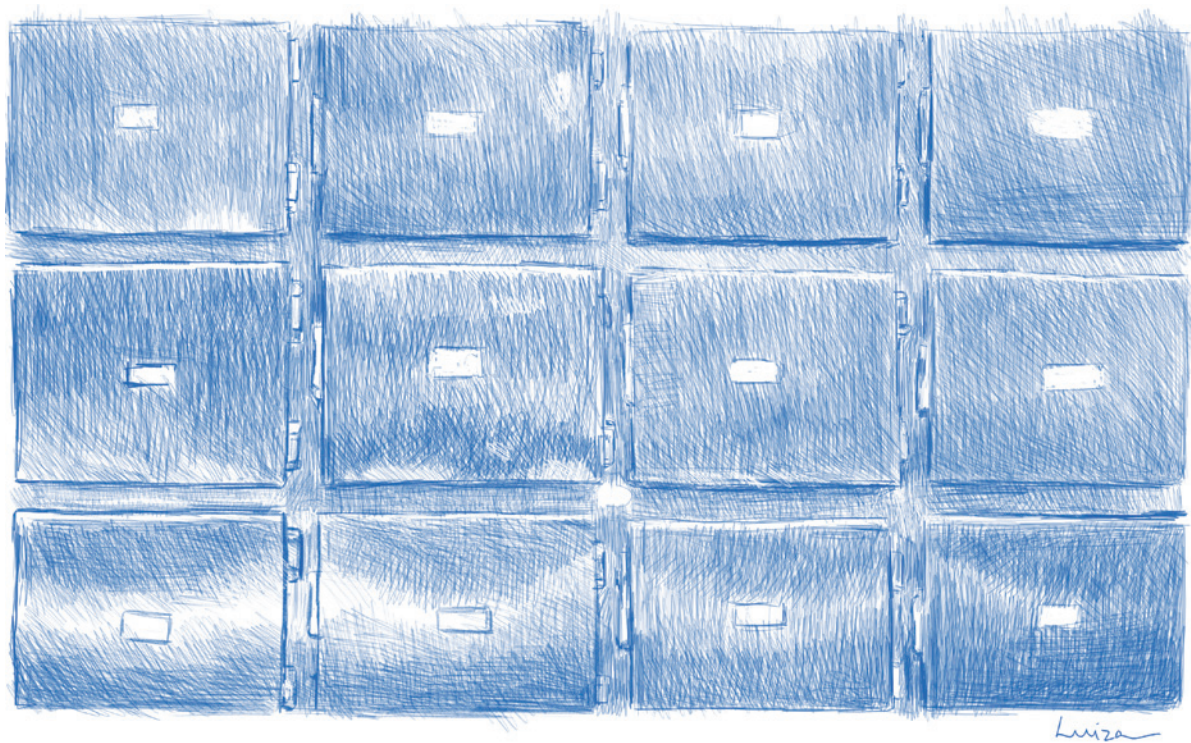
ILUSTRAÇÕES: LUIZA FONSECA

A sala está gélida. Chão, teto, portas, paredes, cadeiras e as mãos de Maurício. Várias pessoas ocupam o lugar. Todos dormem. Dez homens, quatro mulheres e uma criança. Negro, sexo masculino, 11 anos, 25 quilos, 1,23 metros, sem vestuário, nome desconhecido, sem congelamento prévio, refrigerado em câmara fria. O corpo diminuto encara Maurício, me encara.

Em estado de desnutrição, a pele sem viço, os ossos quase rompendo a epiderme, conservação regular, equimoses múltiplas nos membros superiores, inferiores, tórax, abdômen, regiões orbitárias e períneo. Lesões escoriativas lineares nas regiões carotidianas, indicação de esganadura. Emasculação peniana severa, desvio da uretra para o períneo.

Tia, eu quero ir pra casa, ouço a voz da criança em meu ouvido. Falho. Fito o cadáver estendido na

“Fui criada para trilhar o destino de uma caneta, cumprindo as regras dadas na fábrica. Nasci para servir, não existir”



mesa de aço. Silente, sigo meu trabalho. Queimaduras suspeitas por objeto aquecido, cigarro. *Tia, tá me escutando?* Falho novamente. Maurício para de escrever. Olho para o vidro na parede em frente a Maurício, ele de jaleco branco, cabelo arrumado com gel, mão direita no ar. Eu nas mãos dele.

Sigo atenta, sentindo o ardor das queimaduras no corpo do menino raquítico. Não tem sangue, tem uma expressão calma, serena. Não fossem os hematomas roxos na sua pele preta, a ausência do pênis, eu diria que morreu dormindo. Quem sabe sonhando brincando de futebol, chutando uma bola suja, que voa alto em direção ao gol. Uma bola veloz dribla um garoto, dribla outro, segue no canto esquerdo, passa entre as pernas do goleiro e entra. Gol. Sorrisos.

O menino não jogou futebol naquela tarde. Ou teria jogado? Alguém decepou seu membro após uma partida de futebol? Apagaram cigarros em seu corpo após sua atuação como artilheiro? Uma multidão em um estádio, observando o menino sendo queimado, espancado e castrado. Retomo o olhar para ele, continua mudo sob a mesa fria de aço.

Indago em voz alta: Quem fez isso? *Foi minha mãe*, ele responde. Sua mãe? Você está me ouvindo? *Sim, tia. Foi minha mãe. Mas ela não quis fazer isso comigo.* Maurício me sacode no ar. *Isso é hora é de falhar? Essas canetas são uma porcaria!* esbraveja.

Torno a funcionar, sem lapsos. Contusão de frênulo labial. Cacete, Maurício, foi a mãe dele! Escreve isso. Ele segue blasé,

como quem observa sonhos em uma padaria e redige seus termos perfeitos aprendidos na faculdade. Foda-se esse laudo. Eu já fiz tantos outros com você. Nesse, você precisa me ouvir. O menino está afirmando que foi a mãe.

Tia, eu tô aqui desde a madrugada e só a senhora caneta vai poder me ajudar. Os políça chegou na minha casa, eu tava morto no chão da cozinha. Minha mãe já tinha ido embora. O namorado dela disse que ela ia pro inferno, se não fizesse isso comigo. Ia acabar comigo. Me amarrou, me queimou todo, me colocou no quarto, tapou minha boca e arrancou meu pinto. Doeu tanto que desmaiei. Acordei com minha mãe apertando meu pescoço, as mãos sujas de sangue, chorando e me pedindo perdão. Tia, fala pro dotô que foi minha mãe.

Sempre fui uma caneta bem complacente. Educada, submissa, seguia a vontade de Maurício desde que ele me ganhou de presente. Fui criada para triilhar o destino de uma caneta, cumprindo as regras dadas na fábrica. Nasci para servir, não existir. Mas, ouvindo essa criança, eu existo.

Vejo o buraco no meio das pernas do menino. A imagem ecoa em minha superfície, desliza dentro do meu tubo. Nos buracos, na pele, nos sonhos, na vida, na morte. A indignação segue existindo. Indignação. Maurício toca o couro cabeludo do menino. O cabelo crespo segue

deslizando na mão. Analisa a cavidade nasal. *Foi minha mãe*, a voz dele ressoa, na sala. Repete, repete: *Foi minha mãe. Foi minha mãe.*

Dá continuidade à sua análise, preenchendo um formulário que já não faz mais sentido. Discorre sobre fígado, baço. O corpo do menino aberto. Sua voz cada vez mais alta. *Foi minha mãe. Laringe, faringe, pulmão. Foi minha mãe. Me ajuda. Quero voltar pra casa. Coração. Maurício toca o coração pequeno do menino. O coração que deveria pulsar, vibrar, com um gol, dois gols, com o artilheiro. Uma criança feliz que gosta de jogar pelada com os amigos.*

Foi minha mãe. Foi minha mãe. O som toma conta de mim. Data e hora da morte. *Foi minha mãe.* Material coletado. *Foi minha mãe.* Requisitante. Endereço, telefone, e-mail. *Foi minha mãe.* Data da necropsia. *Foi minha mãe.* A voz insiste como em um carro de som na sala. *Foi minha mãe.*

Maurício começa preencher seu nome. Médico legista: Maurício Guedes Pi... Tomo conta das mãos dele. Um transe. Domino seu corpo, sua mente, letras, visão, vontades. Escrevo uma observação no canto da necropsia: Ilustríssimo senhor delegado de polícia, indico investigação da genitora. O menino toma conta de mim. *Foi minha mãe.*

Clarissa Moura é advogada, escritora e membro do Clube do Conto da Paraíba, além de atuar no coletivo Mulherio das Letras-PB e ser curadora de textos do Grupo Editorial Triumphus.



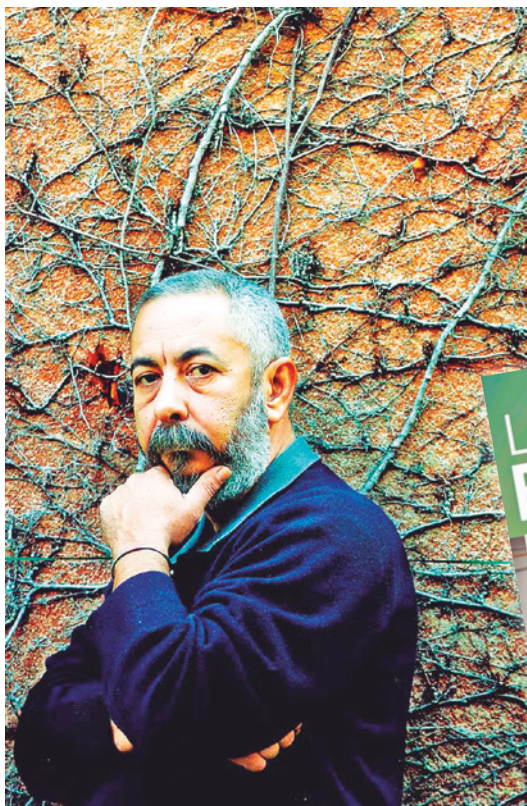
Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



“Um homem, no sentido ético, supragenérico e cubano da expressão”¹

Leonardo Padura, reconhecido pelo mundo afora como uma das principais vozes literárias de Cuba dos dias atuais, lançou no Brasil, em 2023, pela Boitempo e com tradução de Monica Stahel, seu mais recente romance: *Pessoas decentes*. Dentre os recursos literários que colocam o escritor nesse lugar de importância está a matéria essencial em sua obra e que se apresenta de forma recorrente: a sociedade cubana e suas particularidades de épocas e, portanto, de contextos diversos.

FOTO: IVAN GIMENEZ/DIVULGAÇÃO



Uma das principais vozes literárias de Cuba atualmente, Leonardo Padura narra em 'Pessoas Decentes' dois eventos que causaram um grande rebuliço na cidade de Havana

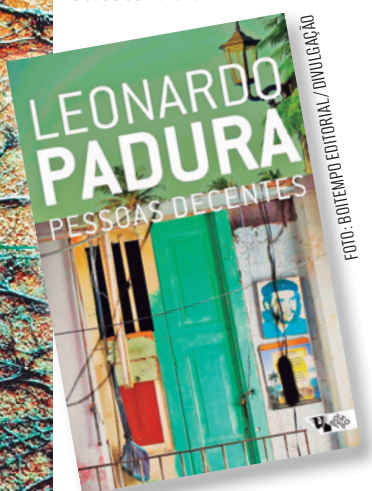


FOTO: BOITEMPO EDITORIAL/DIVULGAÇÃO

Em *Pessoas decentes*, por exemplo, o autor constrói duas histórias ocorridas em Cuba, narradas alternadamente, e que se entrecruzam em alguns aspectos, sendo uma em 1910 – quando da passagem do cometa Halley e seu anúncio de fim de mundo – e a outra em 2016 – quando da passagem de Obama, Rolling Stones e do desfile da Chanel, eventos que causaram um grande rebuliço na cidade de Havana porque traziam consigo uma ideia de esperança pela possibilidade de mudanças que provocavam, fazendo com que a sociedade cubana, de um modo geral, vislumbrasse um novo horizonte.

Em praticamente todos os romances de Padura, a sociedade cubana salta aos olhos do leitor e da leitora, desde as primeiras palavras que introduzem os seus livros, constituindo, assim, artifício literário (forma) que enforma a matéria (conteúdo), ou seja: a construção dos personagens como eles são, por exemplo, dá-se a partir dos condicionamentos sociais que estão na base da sua estrutura social e que envolve aspectos culturais, econômicos, comportamentais etc., e como algo que explica e justifica o que se poderia chamar de “cubanía”, conceito discutido pelo autor em seu livro de ensaios intitulado *Água por todos os lados*, publicado no Brasil, também pela Boitempo, em 2020, e traduzido por Monica Stahel, e que poderíamos equivaler em nosso país ao que entendemos por “brasilidade”.

Cuba é, nos romances de Padura, o espaço real a que ele recorre para construir o espaço ficcional, podendo ser compreendido como objetivo central de um projeto literário mais amplo e de toda uma vida de escritor. Sempre que lhe é perguntado sobre a possibilidade de sair ou não da Ilha,

¹ Frase extraída da página 188 do romance *Pessoas decentes*, do escritor cubano Leonardo Padura.

considerando que este é um tema forte porque bastante presente no cotidiano dos cubanos e cubanas, Padura declara que é desse lugar que tira a substância para a sua literatura e o seu jornalismo. Nas palavras do autor: “[...] É nesse território que me encontro como pessoa, no qual sinto que sou exatamente a pessoa que sou”, conforme entrevista à revista *Carta Capital*, de 7 de julho de 2015, sob o título de *Leonardo Padura: Cuba não é o paraíso nem o inferno*. Tal declaração, que vez ou outra aparece em suas entrevistas ou textos de sua autoria publicados em jornais e revistas, explica, em muita medida, que narrar o seu lugar, onde nasceu e segue vivendo, é uma “obsessão de escritor” que Padura persegue em sua trajetória. Falar desse lugar é, inclusive, falar de si e de um certo sentimento de pertencimento. E falar de si é, em síntese, falar de uma geração de cubanos e cubanas, por meio de personagens que representam “tipos sociais”, na sua condição de pertencentes a determinados estratos sociais.

Para entender com mais profundidade as motivações de Padura para a realização do seu projeto literário, que inclui a criação ficcional dessas “personas”, vale muito a pena ler o livro *Cómo nace un personaje: la historia de un detective en La Habana* (Barcelona: Tusquets Editores, 2013), no qual o autor tece, em minúcias, considerações sobre o surgimento do personagem Mario Conde e de como ele foi ocupando a sua vida, convertendo-se “[...] si no es un alter ego, sí en mi voz, en mis ojos y en el objeto de mis obsesiones y desvelos a lo largo de más de veinte años de convivencia humana y literaria”. Considerando que o referido livro foi publicado em 2013, conclui-se que Conde acompanha Padura há mais de 30 anos. Aludir a essas reflexões se justifica pelo destaque à configuração de Mario Conde, que protagoniza pelo menos uma dezena de seus romances. Noutras palavras, dentre os recursos literários de que Padura lança mão para enformar esse conteúdo – a sociedade cubana e seu chão-histórico – sobreleva-se, aqui, a figura do personagem.

Apropriando-se de espaços narrativos que representam ruas, bairros, bares, restaurantes, museus, praças etc., especialmente da cidade de Havana, Conde leva consigo, por todos os romances que protagoniza, seus amigos, namorada, pai, colegas de trabalho: seus afetos e desafetos, tudo isso como

uma forma de consubstanciar a verossimilhança. Essa galeria de personagens recorrentes auxilia na configuração de Conde como policial-detetive que, ao longo da vida ficcional, conforme os romances vão sendo escritos e publicados, aposenta-se e se torna vendedor de livros usados e aspirante a escritor, e que, pela competência demonstrada na vida profissional ativa, e, mesmo aposentado, segue sendo convocado para auxiliar em investigações policiais, como é o caso, por exemplo, de *Hereges* e *A transparência do tempo*, publicados no Brasil, respectivamente em 2015 e 2018, e do mais recente, *Pessoas decentes*.

Tomando por base as afirmações do próprio escritor, somadas a uma linha interpretativa que se esboça aqui, é possível inferir que, se se considera a noção de “escrita de si”, sendo “si” representativo de uma geração de cubanos e cubanas, Mario Conde seria o porta-voz (*minha voz, meus olhos, objeto de minhas obsessões*); uma representação de questões que são, também, sociais e geracionais. Nas palavras do autor: “... gracias a esa cercanía, podía convertir a esa figura en un puente que uniera mis ideas, gustos, fobias, respecto a los más diversos elementos del arco social y espiritual, con la sociedad, el tiempo y las circunstancias en que el personaje se movía. De alguna manera mi protagonista podía ser **mi** intérprete de la realidad en la novela; que era, por supuesto, la realidad cubana de **mi** momento, **mi** realidad” (*Cómo nace un personaje...* p. 9, grifos do autor). Noutras palavras: Conde é o próprio Padura (sem sê-lo, obviamente) nas circunstâncias e condicionamentos sociais que o acercam e o enformam, como voz (foco narrativo) e

olhos (ponto de vista narrativo) de toda uma geração de compatriotas.

Partindo desse entendimento, é possível ver em Mario Conde uma força motriz de um projeto literário, cujos romances dialogam entre si pela recorrência de personagens e contextos, mas que são independentes, podendo ser lidos separadamente e sem qualquer prejuízo de conteúdo. Nesse processo formativo, Conde parte de uma condição em que, já adulto e policial, constrói uma carreira exitosa, ao mesmo tempo em que se torna um ser existencialista atrelado à literatura e envolto por obsessões de escritor, e, por isso, um observador do seu meio, com lentes ampliadas, que alcançam tanto em horizontes quanto em profundidades. Por essas lentes (mecanismo ficcional), o leitor e a leitora acessam as questões mais cruciais de uma sociedade, a partir de eventos factuais e, portanto, de realidades significativas de seu chão-histórico.

Sendo assim, observar a construção de um personagem como Mario Conde, em tudo o que lhe diz respeito (sua profissão, seus amigos, seus afetos e desafetos, sua maneira de pensar a vida e o mundo etc.), na direção do entendimento do que se encontra na base consolidada de um projeto literário que ocupa toda a vida de um escritor, pode ser uma chave interessante de interpretação do livro ora resenhado. E, alicerçando esse ideário, encontra-se um sentimento de pertencimento que pode ser lido, também, como um compromisso de intelectual e cidadão com aqueles e aquelas que formam o “seu povo”, no sentido de compreender e refletir sobre as encruzilhadas a que o seu país foi exposto, por um processo revolucionário que trouxe ganhos, obviamente, mas que também se complicou no meio do caminho.

Em *Pessoas recentes*, há um ponto interessante e que tem a ver com uma das pautas Revolução Cubana: o projeto de criação do “homem novo”, o que viria a constituir uma nova maneira de ser e de pensar a vida em sociedade a partir de uma ideia de socialismo. O sistema educativo do país seria, nesse sentido, instrumento essencial na realização desse projeto, sobre o qual Che Guevara, na condição de pensador da revolução, refletia e prescrevia. Essa possibilidade de criação do homem novo se encontrava, assim, no horizonte de expectativas daquilo que se almejava como sociedade nova, não como uma utopia, mas como

**Narrar o seu
lugar, onde
nasceu e segue
vivendo, é uma
“obsessão de
escritor” que
Padura persegue
em sua trajetória**

uma realidade possível, vislumbrada por aqueles e aquelas que criam e lutavam por um outro futuro. A seguir, um trecho da carta que Che remetia a Carlos Quijano², editor de *Marcha*, semanário publicado em Montevideu, Uruguai, em 12 de março de 1965, na qual anunciava esse ideário de “homem novo”:

En nuestro país, el error del mecanicismo realista no se ha dado, pero sí otro signo de contrario. Y ha sido por no comprender la necesidad de la creación del hombre nuevo, que no sea el que represente las ideas del siglo XIX, pero tampoco las de nuestro siglo decadente y morboso. El hombre del siglo XXI es el que debemos crear, aunque todavía es una aspiración subjetiva y no sistematizada. Precisamente éste es uno de los puntos fundamentales de nuestro estudio y de nuestro trabajo y en la medida en que logremos éxitos concretos sobre una base teórica o, viceversa, extraigamos conclusiones teóricas de carácter amplio sobre la base de nuestra investigación concreta, habremos hecho un aporte valioso al marxismo-leninismo, a la causa de la humanidad. (p. 17)

Che já apontava, em sua carta, para a dimensão do ousado projeto de educar um povo para constituir-se “homens novos”, que não deveriam ser, em suas palavras, representantes de “lãs ideas del siglo XIX, pero tampoco las de nuestro siglo decadente y morboso. El hombre del siglo XXI es el que debemos crear, aunque todavía es una aspiración subjetiva y no sistematizada”. Em *Pessoas decentes*, há alusões a essa ideia, sendo duas delas pela perspectiva de Conde e que, em alguma medida, vão ao encontro do que já apresentava Che em suas reflexões. Vejamos os trechos de Padura:

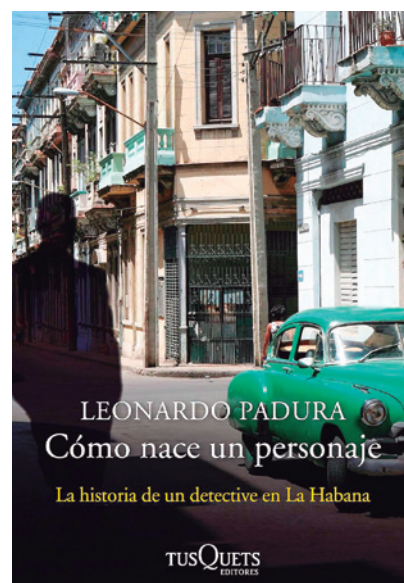
— Conde, o que está acontecendo com você? Estou te achando estranho, garoto. Quase não bebeu.

— Porque sou um novo homem, companheira. Não o Homem Novo, esclareço, não aspiro a tanto... É que tenho de trabalhar e não posso faltar. Estou devendo o salário do que resta dessa semana e de toda a semana que vem. (p. 288)

II

Aquelas lembranças ainda o afetavam, e Conde o compreendeu: ter a vida truncada, um pedaço dela arrancado e as aspirações trituradas não são experiências que se esquecem facilmente ou que se possam evocar com leviandade. Em geral são cicatrizes que, quando se fecham, tendem a fazê-lo em falso e qualquer roçadela provoca incômodo. Por isso ele resolveu ficar em silêncio e tentar forçar uma retirada no momento propício. Mais que roçando, eles estavam abrindo a cicatriz da vida de José Pérez, e Conde se perguntou se tinham esse direito. E juntou mais uma interrogação: em quantos compatriotas tinham sido provocadas lacerações como aquelas e o que se conseguiria com isso? Vencer o imperialismo ou sair do subdesenvolvimento? E o Homem Novo, onde estava o Homem Novo, porra? (p. 296)

Em ambos os trechos, Conde menciona a ideia apresentada por Che, sendo, no primeiro trecho, por um discurso direto, ou seja, pelas suas próprias palavras e, no segundo, pelo narrador em terceira pessoa, que se manifesta onisciente e narra os pensamentos e sentimentos do personagem. E aqui se faz necessário levantar o seguinte questionamento: essa menção, somada a essas reflexões, permitiria interpretar a discussão



Em 'Cómo nace un personaje', Padura detalha sobre o surgimento do investigador Mario Conde e como o personagem foi ocupando a sua vida

sobre decência, que atravessa todo o romance, desde o título, como algo diretamente relacionado a esse projeto de formação do “homem novo”, cujo *modus vivendi* estivesse pautado, sobremaneira, em valores éticos e no alcance de uma vida digna, em seus mais diversos aspectos? Se sim, tem-se aqui o que justifica o tom desencantado de Conde, e que não é apenas pessoal e individual, mas de toda uma geração. Seria, ao fim e ao cabo, algo referente àquela ideia das “ilusões perdidas”, a que os livros de Padura aludem.

A decência que Conde reivindica no mais recente livro de Padura, com seus amigos, namorada, colegas etc., é a mesma dos romances anteriores nos quais eles habitam. É uma decência que põe em relevo a dignidade humana, cuja negligência deve ser encarada como algo condenável. Enaltecem, assim, os sentidos da decência e do que eles cultivam como valor maior de suas vidas: a amizade. É nesse exercício que esses personagens encontram aquilo que poderia configurar como um dos elementos constituidores do “homem novo”; do cubano e da cubana do século 21.

Importante ressaltar que essa noção de amizade também é elaborada na história ocorrida em 1910 e que atravessa a de Conde em *Pessoas decentes*, no ano de 2016. Nesse sentido, é possível afirmar que esse romance traz, em seu âmago, a discussão sobre o abalo de alguns princípios éticos que acaba por “deformar” e “revelar” o caráter de certas “personas”. No entanto, como via contrária e no embate a esse abalo, o romance lança luz naquilo que se impõe intacto: o valor da ética da amizade cultivada por Conde e aqueles que o cercam e o acompanham, nessa dezena de romances de que participam. Amizade como um exercício que traz, em seu íntimo, o amor, o companheirismo, a solidariedade, a compaixão, portanto, a nobre noção de coletividade em seu sentido mais genuíno.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção.

² GUEVARA, Ernesto Che. *El socialismo y el hombre en Cuba*. Centro de Estudios Che Guevara Ocean Press y Ocean Sur. México, 2011. Arquivo em PDF, disponibilizado no site biblioteca.clacso.edu.ar. Acesso em 5 de mai. de 2024.

Hilton Motta:

a
VOZ
da
Rainha
da
Borborema

Matheus Farias

Especial para o *Correio das Artes*

Quando as luzes da cidade de Campina Grande se apagavam no Réveillon, desejos do coração eram revelados e vidas imperfeitas ansiavam com novos ideais e intentos. O clima sereno e o orvalho da madrugada contagiavam a todos que queriam iniciar um novo ciclo e entrelaçar-se em novos caminhos, realizações e relacionamentos. A alegria do locutor anunciando a nova era podia ser sentida no âmago da sua voz: “Vamos todos juntos, vamos nos preparar, vamos fazer uma festa linda! A cidade toda e toda a região da Borborema estão ligadas na Rádio Campina Grande. Vamos fazer a festa juntos e fazer a maior homenagem que se faz neste Brasil a um Ano-Novo e vamos com fé, com entusiasmo e toda a nossa oração e pedir a Deus que o próximo ano seja de plena realização de todos os nossos intentos e objetivos”.

Esse locutor não era como muitos de hoje, que se travestem de personagens diante dos microfones, fingindo ser o que não são para ter uma alegria contagiante que, na verdade, não passa de ilusão para quem os conhece mais de perto. Esse locutor era diferente. Era único. Era entusiasmado por natureza. Seu nome, Hilton, significa “aquele que vem da montanha” e indica uma pessoa que tem capacidade



Se estivesse vivo, o radialista que marcou época em Campina Grande faria 100 anos em 2024

de adaptação às novas ideias, porém, sem perder a sua essência. Já seu sobrenome, Motta, remonta ao império romano transmitindo o conceito de “fortaleza” ou de “nascido em casa forte”.

Hilton Motta não veio de uma montanha, mas se consagrou no planalto da Borborema e aqueles que conviveram com ele carregam em suas lembranças a energia e a garra que empolgava sua alma. Isso porque o radialista sabia transmitir a paixão que sentia ao falar, sobretudo, de Campina Grande, já que, apesar de ser pernambucano de nascimento e iniciar a sua trajetória enquanto comunicador em Patos, no Sertão paraibano, foi na Rainha da Borborema que ele cresceu e foi crescendo, crescendo e crescendo.

Cresceu tanto que criou sua própria rádio e imprimiu nela seu jeito dinâmico e inovador. A primeira rádio FM de Campina Grande foi fundada em 1978 e, já nos primeiros anos, inovou ao transmitir partidas de futebol muito antes disso ser algo corriqueiro nas rádios paraibanas. Em 1989, por exemplo, foi a emissora de Hilton Motta que levou ao ar os jogos nos quais o Treze Futebol Clube disputava o Campeonato Brasileiro da série B e ele, apaixonado por Campina Grande, convocava a sociedade campinense a comparecer às partidas.

A Campina FM também inovava em sua estrutura técnica sendo uma das primeiras emissoras a utilizar CDs em suas programações musicais que, aliás, foram marcadas por programas inesquecíveis. Era comum gravar músicas tocadas no programa *A música do Ouvinte*, apresentado por Jorginho DJ ou Toninho Lima, dois ícones da radiofonia campinense que, em seus programas, embalavam músicas para os casais apaixonados.

Por falar em romance, como esquecer o chavão do programa *93 by night*: “Se amar é viver, vivo porque te amo”? Esse tesouro era dito constantemente nesse programa muito requisitado pelos apaixonados que queriam mandar recados de amor para serem lidos pelos locutores.

Locutores, aliás, que eram cuidadosamente examinados por Hilton Motta, que não tolerava erros de português e palavrões nos microfones, e sempre incentivava seus funcionários ao aperfeiçoamento pessoal e aos estudos. Talvez venha disso a sua fama de exigente, pois se preocupava com o nível do conteúdo levado ao ar.

Ele fez de sua rádio FM um símbolo de bom gosto musical, já que músicas caribenhas, francesas, eruditas e tantas outras estavam constantemente na grade de programação da emissora, que sofria interferência do seu fundador. Motta comentava, com anotações escritas a próprio punho, o que achava de uma determinada canção e, no final dos comentários, ele aprovava ou não a exibição da mesma.

Belíssima. Otímissima. Superlindíssima. Esses neologismos e adjetivos carregados de intensidade eram a marca de Hilton Motta nesses comentários escritos nas capas dos discos. Todo cantor e cantora de forró que estava iniciando sua carreira deixava um



Ativista cultural Xico Nóbrega, curador da Fonoteca do IHCG mostrando o disco onde Motta anotava, ao lado de cada música, os adjetivos e neologismos: “Belíssima”, “Otímissima” ou “Superlindíssima”



Dos quase 3.200 LPs e CDs do acervo da Fonoteca do Instituto Histórico de Campina Grande, a maioria era da Rádio Campina FM

disco na Campina FM e esse suporte fonográfico era minuciosamente examinado por Hilton Motta, principalmente se continha palavras de duplo sentido as quais o comunicador não costumava aprovar.

O ativista cultural Xico Nóbrega, curador da fonoteca do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), toma conta de um vasto acervo de discos que pertenceram à Campina FM e confirma que Hilton era muito exigente com a qualidade do conteúdo levado ao ar: “Nos quase 3.200 LPs e CDs que temos aqui, se percebe que Hilton Motta era muito intenso e também um homem conservador, mas aberto a tendências musicais modernas”.

O programa *Alto Astral* foi um grande exemplo dessa modernidade que Hilton aceitava na programação da Campina FM como conta o ex-funcionário Abdalah Rached: “No início

de 1983, Hilton Motta aceitou a ideia de um programa bem diferente se inspirando no alto falante, programa lançado anos antes por Rômulo Azevedo. Então, eu, Toninho Lima, Nagib Rached, Lavosier Oliveira e outros fizemos esse programa tocando as principais músicas da época”.

Enquanto trabalhou na Campina FM, Rached também percebeu o pioneirismo de Hilton Motta: “Ele gostava de transmitir a programação da Rádio Transamérica e se inspirava nas rádios do Sul do país. Dessa forma, ele era exigente na questão técnica já que comprava equipamentos importados e testava muito o som antes de colocar no ar para não haver chiados etc. Assim como Roberto Marinho tinha um padrão de qualidade, Hilton também tinha o seu padrão”, aponta o ex-funcionário.

Hilton Motta e Roberto Marinho também tinham outra semelhança: foram empresários do ramo de comunicação. Antes de fundar a Campina FM, Motta trabalhou como locutor, ator, animador de programas e concursos na Rádio Borborema até assumir a gerência da emissora que, em sua gestão, foi a “número um” do Nordeste do grupo Diários Associados, como relata a jornalista campinense Fernanda Souza, coautora de uma biografia sobre o radialista: “É por isso que, a meu ver, ele é referência no Brasil, pois era próximo de Assis Chateaubriand, o magnata da comunicação brasileira, e dirigiu as

principais rádios dos Associados no Nordeste”, justifica a biógrafa.

A obra revela fatos pitorescos como uma partida de futebol que Hilton organizou com tribos indígenas e as experiências dele como ator de radionovelas. Quando perguntada sobre o legado de Motta para as novas gerações, Fernanda Souza não hesita e destaca a ousadia dele: “Hilton Motta era um homem que ousava e acertava, mas às vezes errava também. Eu vejo que, hoje, as pessoas têm medo de errar”.

Essa ousadia ocorreu em vários momentos na vida do comunicador. Uma delas foi na criação de um radiojornal no horário do almoço, algo totalmente inovador na década de 1980, quando as rádios tocavam músicas ou transmitiam resenhas esportivas. Quem lembra bem dessa passagem é o jornalista e professor Rômulo Azevedo: “Fiz a proposta desse jornal para Hilton e ele falou que, se desse certo, o mérito era meu, mas se desse errado, eu seria cobrado”. O fato é que deu certo e as outras rádios passaram a copiar a arriscada ideia.

São histórias e mais histórias desse personagem da comunicação paraibana. Hilton Motta, que era pernambucano e soltou a voz em um microfone pela primeira vez em Patos, foi adotado por Campina, começando a carreira na Rainha da Borborema no alto falante de Seu Gaúcho, cujo nome verdadeiro era Jovelino Farias.

Rômulo Azevedo destaca que Hilton Motta sempre foi dinâmico: “Ele tinha uma excelente visão empreendedora e não admitia improvisos”. O professor contou ainda uma curiosidade: “Em 1958, ele imitou Orson Welles, que 20 anos antes havia lido um trecho do livro *A Guerra dos Mundos* e assustado os ouvintes ao simular uma invasão extraterrestre aos Estados Unidos. Hilton fez a mesma coisa na Rádio Borborema. Imagine extraterrestres no açude de Bodocongó”, frisa ele.

Alguns anos depois, Motta chamou a atenção das pessoas novamente, mas desta vez foi de um público menor. Ele foi a primeira imagem da então novíssima TV Borborema, primeira emissora de televisão na Paraíba e uma das primeiras do interior do Nordeste. Nessa época, o aparelho de TV custava muito caro e nem havia ainda um código brasileiro de telecomunicações sendo uma comissão técnica de rádio a responsável por avaliar a instalação da TV Borborema.



Da esq. para a dir.: Hilton Motta Filho; o cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga — o “Rei do baião”, em visita a Campina Grande; e o radialista Hilton Carneiro Motta

Hilton Motta era um homem que ousava e acertava, mas às vezes errava também. Eu vejo que, hoje, as pessoas têm medo de errar

Fernanda Souza

Podemos perceber no pernambucano radicado na Paraíba um empolgante entusiasmo por Campina Grande nas suas realizações grandiosas e pioneiras, já que, como disse Gilberto Gil, a Rainha da Borborema tem um anseio por ser Nova Iorque. Sempre incentivando o Maior São João do Mundo, a Micarande e outras festas populares, Hilton Motta morreu no ano de 1992, vítima de um grave acidente automobilístico, mas continuou sendo um ícone no período junino ao ser homenageado no Arraial Hilton Motta, durante os festejos que são realizados no Parque do Povo.

Muitos campinenses recordam com saudade de programas como a *Voz de Campina*, o *Campinense Repórter* e, sobretudo, a voz marcante de Hilton Carneiro Motta, com sua dicção perfeita e timbre bonito. Um profissional completo e admirável, cuja voz iluminava as noites escuras durante a apagar das luzes no Réveillon campinense e que, apesar de morto, permanece vivo na memória e no coração de Campina Grande.

Matheus Farias é letrólogo e estudante de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), membro do projeto de extensão Repórter Junino da UEPB, no qual atua como repórter e editor, além de ter atuado na rádio Lagar FM como produtor e apresentador do programa 'Jovem Repórter'

Direito e Literatura em Machado de Assis:

A proporcionalidade como intersecção

Ana Clara de Melo

Especial para o *Correio das Artes*

O conto *O Caso da Vara*, de Machado de Assis, publicado em 1891, época dos primeiros anos da República, faz com que reflitamos a respeito do Direito e Literatura. Essa perspectiva teórica teve como precursor John Henry Wigmore, publicando, em 1908, *A List of One Hundred Legal Novels*. Ele elencava nesta obra categorias temáticas em Direito e Literatura.

Vale rememorar que, em *O Caso da Vara*, o narrador machadiano conta a história de um seminarista, sem vocação para padre, que fugira do seminário, situação esta muito semelhante, diga-se de passagem, ao momento histórico em que vivíamos: momento da República em uma sociedade nacional com mentalidade escravagista.

Trata-se, portanto, de um conto posterior à abolição, em cujo horizonte está o leitor da incipiente República brasileira. Ainda assim, é um conto ambientado nos primórdios do Segundo Reinado, culminando em uma cena de violência típica da lógica

escravista: a punição arbitrária de uma escravizada doméstica.

Em pleno florescer republicano, Machado escreve sobre o Império e a escravidão. O motivo para fazê-lo está sugerido no prefácio ao volume de 1899: o assunto *ainda agora* interessava, como lembra Maurício dos Santos Gomes, em seu artigo *O caso da vara: no alvorecer da república*. A intrínseca relação entre o Direito e a Literatura começa a transparecer.

A presença de elementos do Direito na cena é algo extremamente enriquecedor também. O narrador conta que João Carneiro procura recursos, decretos para construir um argumento louvável para justificar a saída de Damião do seminário ao seu pai. Exatamente como ocorre atualmente, quando se procuram, ou mesmo criam-se leis para justificar o ilícito porte da maconha – o julgamento da descriminalização da maconha acontece no STF, e os ministros cobram dos legisladores que se criem leis para se dirimirem sobre o caso; o Senado se apressa em criminalizar a maconha, a fim de impedir a decisão pelo STF de descriminalizar, já que o placar para tal se encontra em 5 x 3 em favor da descriminalização.

O próprio título do conto é uma brincadeira irônica com as varas jurídicas. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) esclarece que a vara judiciária é o local ou repartição que corresponde a lotação de um juiz, onde o magistrado efetua suas atividades. Em comarcas pequenas, a única vara recebe todos os assuntos relativos à Justiça. A casa de Sinhá Rita se transforma na vara que julgará o caso de Damião, ao mesmo tempo em



IMAGEM: REPRODUÇÃO

A época do conto, em 1845, marca a criação da lei de Bill Aberdeen, na Inglaterra, que permitia aos ingleses reterem os navios negreiros que rumavam ao Brasil

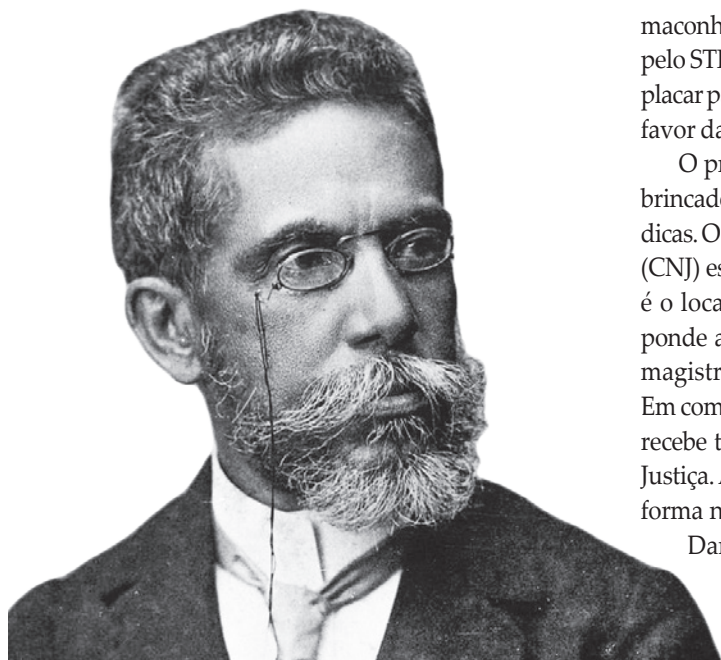
que a vara é um personagem importante como objeto de punição à Lucrécia, que sugere-se ter sido açoitada.

O sugestivo açoitado de Lucrécia ao final é um símbolo da sentença jurídica: a introdução do texto seria uma alusão à fase processual de conhecimento da lide, quando se explica a fuga de Damião do seminário. O desenvolvimento, tentativa de Damião em encontrar meios de convencer seu responsável de aceitar a sua fuga do seminário, e a fase de argumentação do processo, para que a advogada, Sinhá Rita, receba a sentença do juiz, que decidirá se Damião pode ou não sair do seminário. João Carneiro é o oficial de justiça, que leva e traz os pedidos.

Maurício dos Santos Gomes explica que a tragédia doméstica de Lucrécia ganha amplitude nas evocações de seu nome: sua xará romana, descrita por Tito Lívio e Dionísio de Halicarnasso, tornou-se célebre no cânone ocidental não apenas pelo destino trágico, o suicídio após a violação do príncipe Sexto, mas também enquanto mito fundador da república romana.

A Lucrécia romana, vítima do arbítrio, defende a castidade com o suicídio, mas não sem antes clamar ao marido por vingança. Os efeitos políticos dessa situação são imediatos: o fim da Monarquia e a instauração da República, em Roma. Em outras palavras, Lucrécia carrega em seu nome a evocação da violência arbitrária e desmedida, cuja vingança, ao menos no caso romano, pôs fim à Monarquia.

A própria época do conto, o ano de 1845, marca, na Inglaterra, a criação da lei



de Bill Aberdeen, que permitia aos ingleses reterem os navios negreiros que rumavam ao Brasil. Era uma tentativa de pôr fim à escravidão. Logo nas primeiras linhas do conto, Machado pontua esse período.

Sob o ponto de vista literário, tem-se a denúncia de uma sociedade que vive de fachada, que não vivencia aquilo que ela se mostra ser e é, ao mesmo tempo, cheia de interesses pessoais. Tem-se o desmascaramento da sociedade em seu cotidiano, característica muito presente em Machado de Assis. Na verdade, o escritor mostra que a mercadoria está em primeiro lugar para os personagens machadianos: as características psicológicas e as ações dos personagens são regidas pelo capital. Na linguagem atual, as pessoas são regidas pelos bens de consumo e não há como ser diferente, pois o fator político-econômico prepondera sobre qualquer outro aspecto psicológico, ambiental. Isso é muito atual, pois a sociedade do século 21 ainda privilegia os ganhos econômicos em detrimento, por exemplo, aos ambientais: florestas são devastadas para se garantir os ganhos de madeireiros.

Interessante é o quão atual se apresentam os debates literários que podem surgir dos textos machadianos. A literatura não serve para criticar apenas um momento da época em que se escreveu o texto. Ítalo Calvino, em *Por Que Ler os Clássicos?*, já explicava que os clássicos ultrapassam os limites de seu tempo. Machado de Assis, autor negro de nossa literatura brasileira, ao contrário do que muitos imaginavam, é um dos escritores brasileiros mais estudados dentre todos os nossos escritores. É um exemplo de grande clássico.

A seleção de questões universais é um fator que o põe dentro do cânone literário internacional inclusive. Isso sem mencionarmos a riqueza artístico-literário de sua técnica textual: uso do tempo psicológico, invasões reicinsivas do narrador na fala dos personagens, uso da linguagem simples para a época, prolepses textuais, o bom-humor mesmos nos momentos difíceis dos personagens, a gradação para a criação do clímax da história, as revelações surpreendentes acerca dos personagens e ações, o interesse dos personagens em favores, a falta de princípios morais dos personagens... um verdadeiro desnude de nossa vida moderna.

A pedagogia dominante na cena machadiana é a do medo, ainda extremamente presente na sociedade republicana, embora seja da época da escravidão: ensinava-se o negro pelo castigo físico, moral, psicológico, sexual e patrimo-



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Sinhá em casa rodeada de escravizados, aquarela 'Um jantar brasileiro' (1827), do pintor francês Jean Baptiste Debret (1768-1848)

nial – semelhante ao que ocorre com muitas mulheres que sofrem violência doméstica hoje em dia. Percebe-se que a pedagogia do medo ainda está muito presente em nossa sociedade do século 21, que deseja ensinar por meio de castigos e punições – outro exemplo marcante é a educação de crianças com agressões físicas pelos pais.

Ao final da história, Damião dá a vara para Sinhá Rita açoitar a escravizada, mesmo ele tendo dito que iria cuidar da mesma. A sociedade de interesse em favores pessoais é marcante nesse momento, porque Damião renuncia ao que havia prometido: apadrinhar Lucrécia. Sinhá Rita é a pessoa que pode ajudá-lo a não voltar mais para o seminário e, no seu entender, ele precisa estar do lado dela para ter as suas vontades atendidas. É a famosa política do favor que Roberto Schwarz tanto defendeu estar presente na obra machadiana, no livro *Ao Vencedor, as Batatas*. Há outros momentos no texto para ilustrar a afirmação: à viúva interessa dominar o amante; ao padrinho, garantir a amizade do compadre e os amores de sinhá Rita.

Esse modelo de interpretação dentro da perspectiva do Direito e Literatura nos faz refletir, também, sobre um ponto em comum entre ambos: os limites interpretativos. Direito e Literatura se relacionam na medida em que utilizam a ferramenta da proporcionalidade entre realidade e irrealidade, entre possível e impossível, que permeia o campo da interpretação em ambos. A proporcionalidade é uma ferramenta de análise metodológica que representa a busca de interpretações mais justas e adequadas, necessárias e propor-

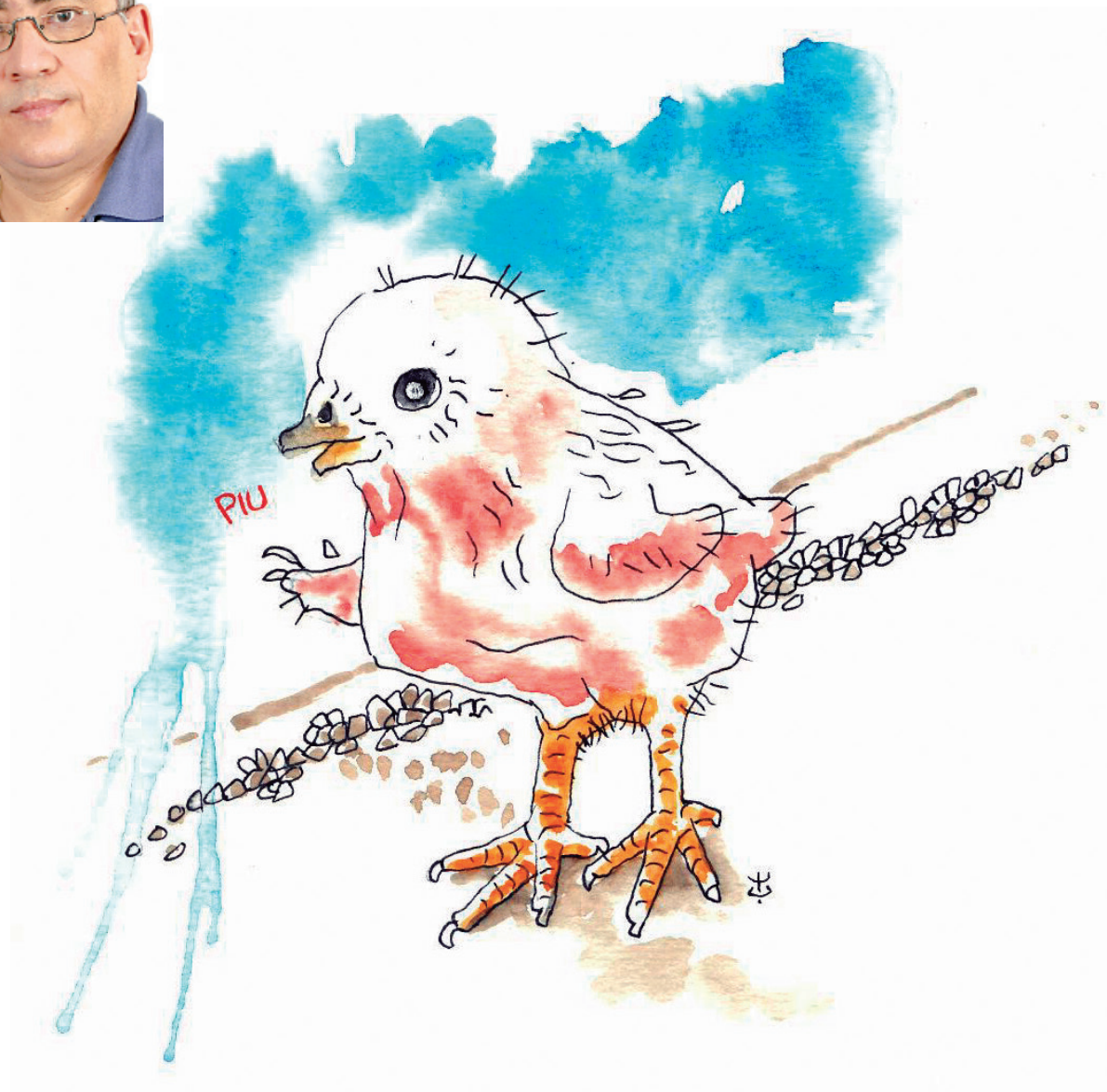
cionais, para servir ao conflito entre o real e o irreal, auxiliando o crítico na ponderação do social, econômico, político, cultural e artístico em uma obra literária. Algo semelhante ao que propunha Humberto Ávila, em *Teoria dos Princípios*: sopesar os pontos positivos e negativos, a fim de se encontrar um meio termo.

Esse princípio é constituído pela união de outros subprincípios: a adequação ao caso concreto, adequação entre meios e fins, exigibilidade ou necessidade, vedação do excesso. Direito e Literatura se preocupam com a proporcionalidade no momento interpretativo de compreensão do texto jurídico e do texto literário respectivamente. Assim, se a medida não for adequada, nem sequer valerá a pena verificar se é necessária ou proporcional em sentido estrito.

A título de exemplo, em uma lide em que exista a colisão de princípios jurídicos, por exemplo, há de se usar da proporcionalidade para verificar os elementos que afrontam os princípios fundamentais constitucionais estreitamente ligados à dignidade da pessoa humana, como a saúde, a alimentação, a moradia, o meio ambiente etc.

Assim, pode-se dizer que há mais coisas entre o Direito e a Literatura do que se poderia dizer aqui nessas poucas linhas. Resta apenas se recomendar a apreciação da obra machadiana, pois ela continua mais atual do que se pode pensar.

Ana Clara de Melo é doutora em Letras, possui graduação em Direito e Letras, é especialista em Educação em Direitos Humanos, escritora, advogada, cronista e professora.



A aventura de um depenado

Um pintinho escapado da mãe, depenado, o pescoço cru, andava na borda da rodovia. Andava pendendo, puxando para um lado, como que querendo caber na curva. Chamava pela mãe. O chamado saía pelo bico muito aberto – um apito soluçado. Andava e, às vezes, pulava, para não ser punido pelos ramos que chicoteavam o ar com a passagem dos caminhões. O pintinho, com muita sede, avistou uma poça no meio da pista. E avistou também de repente, no outro lado da rodovia, a mãe abaixada nos capins,

virando a cabeça a todo instante para fitar o trânsito de veículos pesados. A sede do pintinho o compelia desgraçadamente para a poça. E o cacarejo da mãe agora era o recado exasperado contra o pior. Porém o pintinho se adiantou para o meio da pista, cresceu na poça. E enchia, todo tremido, o papo d'água, quando veio veloz, os pneus robustos, uma picape. Que espocou o papo do depenado, o líquido com farelos de alimentos espirrando para o asfalto. Porém o papo que estourou foi o que se projetara na poça.

Rinaldo de Fernandes, é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac